

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE PEDAGOGIA**



POR UMA RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEGUNDO RUBEM ALVES

Por

Cláudia Rebeca Soares

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

RIO DE JANEIRO – RJ

2016

CLÁUDIA REBECA SOARES

POR UMA RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEGUNDO RUBEM ALVES

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Graduação em Pedagogia, da
Universidade Federal do Rio de Janeiro –
UFRJ, como requisito para obtenção do
título em Pedagogia.

Orientador: Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro – RJ

Maio 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE PEDAGOGIA



POR UMA RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEGUNDO RUBEM ALVES

Por

Cláudia Rebeca Soares

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Reuber Gerbassi Scofano

Abril 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, meu marido e ao meu querido professor Reuber por toda dedicação e paciência.

"Inteligência não é possuir todas as ferramentas. Inteligência é possuir poucas (para andar leve), e saber onde encontrar as que não se têm, na eventualidade de se precisar delas. Sabedoria não é ter. É saber onde encontrar" Rubem Alves

RESUMO

Em meio a tantos aspectos que compõe a rotina das atividades escolares, com uma linguagem simples porém muito reflexiva o autor nos faz perceber detalhes importantes sobre as bases filosóficas e teóricas educacionais. Criando estórias com lições sobre Educação como fator determinante na transformação do sistema educacional tradicional. Levanta reflexões sobre o que se ensina, para quem se ensina, quais os métodos utilizados para a aplicação da educação levando em conta o público sujeito a ela. Faz críticas a Educação que oprime, subjulga e acontece apenas para acumular conhecimento. Onde o que importa é o conhecimento em si e não o significado deste para os alunos.

O autor questiona como o processo de aprendizagem é transmitido de geração em geração, da mesma forma, sem questionamentos. O processo de ensino cria um exército de alunos facilmente controlável pelas forças econômicas, já que forma alienados. A criança é vista como mera utilidade social.

O aspecto repetitivo limita a capacidade criativa dos estudantes, impedindo que estes busquem alternativas às soluções apresentadas e os limita na busca do desconhecido. Rubem Alves sugere uma educação prazerosa, lúdica e simultaneamente transformadora que pense mais em desenvolver a alegria do aprender e não a postura do “aprenda e não discuta”. A educação com o objetivo de desenvolver a capacidade de imaginar, de fugir do comum, de criar.

Rubem Alves levanta reflexões sobre a padronização que a escola faz diante do comportamento e da aprendizagem. A criança ingressa na escola com sonhos, certezas, questionamentos e aberta a um mundo novo. Na grande maioria das situações o que encontra é uma configuração pré-estabelecida de comportamento e formas de aprendizagem. Tudo isso é avaliado e dificilmente se valoriza as particularidades.

Palavras chave: Educação ressignificada. Rubem Alves. Educação Tradicional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2 A CRÍTICA DE RUBEM ALVES A EDUCAÇÃO TRADICIONAL.....	16
2.1 Sobre o vestibular como sombra que paira sobre todo o Sistema Educacional ...	16
2.2 A Pedagogia hegemônica de valorização da racionalidade tecno-científica como forma norteadora da Educação escolar.....	19
2.3 Sobre gramática, Literatura, Matemática e política.....	21
2.4 Sobre os educadores, ferramentas e memorização.....	23
2.5 Sobre o poder das palavras e a doutrinação escolar.....	27
2.6 O fracasso da escola.....	29
2.7 Escola, privacidade e domesticação.....	30
3 PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO ALVESIANA	32
3.1 Sobre o afeto.....	32
3.2 Sobre o estímulo a inteligência.....	33
3.3 Sobre casas e escolas que emburrecem e casas e escolas que favorecem a inteligência.....	36
3.4 Sobre o prazer da leitura.....	38

3.5 Sobre os brinquedos.....	39
3.6 Sobre a importância do olhar.....	40
4 CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

Esta monografia nasceu do interesse que me despertou a obra do educador e filósofo brasileiro Rubem Alves. Pelo interesse que tenho pela Educação, percebi que todos os textos do autor que a mim chegavam, batiam imediatamente na minha consciência levando-me a reflexões e inquietações. Seus textos criticavam a concepção tradicional com seus conteudismos, envolvendo a prática de castigos, provas e outros terrores. Infelizmente não estamos nos referindo ao passado. Atualmente podemos presenciar todas essas práticas acontecendo nas nossas escolas.

A leitura desse autor me fez propor a seguinte questão: Rubem Alves, filósofo brasileiro, que desenvolveu um pensamento todo calcado com imagens e metáforas em textos no estilo crônica, teria algo de importante a contribuir para uma reforma de nosso modelo educacional vigente?

Esse é o objetivo central da minha monografia: identificar aspectos, na obra de Rubem Alves que podem ser utilizados em um processo de ressignificação da Educação.

A metodologia escolhida foi de natureza bibliográfica, pois me debrucei sobre as principais obras do autor apoiando-me no referencial teórico de um pesquisador que há muitos anos vem trabalhando com o pensamento Alvesiano. Este referencial é o trabalho a respeito de Rubem Alves e sua contribuição para a Educação produzido pelo Professor Pesquisador da Faculdade de Educação da UFRJ Dr. Reuber Gerbassi Scofano.

Ao meu ver, essa monografia se justifica pelo fato de tratar de um tema atualíssimo em virtude de estarmos vivendo uma crise profunda da escola dos seus métodos e do próprio conteúdo veiculado nas práticas educativas. Rubem Alves com sua linguagem rica em metáforas e imagens nos faz, não só refletir como sonhar e imaginar possíveis modos do fazer educativo que sejam inovadores para professores em sala de aula.

No primeiro capítulo apresentaremos nossa base teórica que fundamentará toda a concepção pedagógica de Rubem Alves presente nessa monografia a crítica de Rubem Alves à forma tradicional de educar, ainda tão presente nas nossas escolas.

No segundo capítulo desenvolveremos a crítica feita por Rubem Alves ao modelo educacional tradicional.

No terceiro capítulo apresentaremos as propostas de Rubem Alves para uma ressignificação da Educação.

A conclusão do trabalho é uma reflexão pessoal que une minha experiência como educadora do primeiro ano do Ensino Fundamental há 5 anos fertilizada pelo

encontro com a Pedagogia lúdica de Rubem Alves. Essa Pedagogia não só me fez mudar minha visão sobre a Educação bem como ressignificar minha própria prática em sala de aula.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Reuber Gerbassi Scofano em sua tese de Doutorado sobre *Iluminação e Desaprendizagem – a pedagogia de Rubem Alves*, discorre sobre o ponto principal que rege a Pedagogia Lúdica defendida e incentivada pelo autor apresentada neste trabalho. Para ele as metáforas e analogias são os recursos principais que quebram todo o ritual envolvendo as práticas educacionais tradicionais. Através desses recursos é possível atingir o objetivo de refletir e desestabilizar os leitores que estão na zona de conforto criada pela Pedagogia Tradicional.

A desaprendizagem é utilizada para trazer uma nova perspectiva sobre tudo o que já se sabe. Através dela as teorias, técnicas, opressões e falta de alegria são repensadas e o professor é estimulado a mudar de comportamento e se colocar de forma leve ao alcance do aluno e passa acontecer uma parceria prazerosa.

O lugar visto como a única opção de espaço físico para acontecer a Educação, já não é apenas a escola. Outros ambientes, que envolvem o cotidiano do aluno, são utilizados com o objetivo de criar uma atmosfera lúdica e alegre. Desta forma tranquilizam toda a atmosfera preenchida pelas técnicas e Ciências, que não são abandonadas mas encontram-se fora do primeiro plano.

As situações apresentadas por histórias verídicas e metáforas aproximam o leitor e auxilia na compreensão da realidade que envolve escola, professor e aluno. A *gaiola* é uma metáfora que representa o espaço físico da Escola e conta sobre um pássaro livre que é capturado e preso. O fato é que ele se debate dentro do espaço até deixar de virar pássaro pois o que o caracteriza é a sua liberdade de vôo.

A situação de desrespeito e desgaste enfrentada pelos professores também é um ponto de reflexão e preocupação. Eles estão desanimados e encurralados pelo sistema que os obriga a cumprir cronogramas, praticarem técnicas pouco convidativas e colocarem como meta o sucesso nas avaliações.

Os alunos por sua vez, estão oprimidos pelos professores que ditam “o que aprender”, “como aprender” e nenhuma reflexão sobre “porque aprender”. Estão engaiolados e sufocados. Não existe prazer, alegria ou parceria. E isso gera uma repulsa por todas as partes. Uma dualidade entre corpo e alma. O corpo precisa aprender para sobreviver mas a alma precisa de prazer para se estimular a aprender.

As ferramentas e os brinquedos aparecem como símbolos característicos na Pedagogia de Alves. Onde as ferramentas são necessárias para a sobrevivência do corpo e os brinquedos são para o deleite da alma.

Prosseguindo com metáforas, contrapõe à *escola gaiola* uma escola que dê asas. Ferramentas e brinquedos não são gaiolas, mas asas. Os brinquedos por sua vez, permitem o vôo pelos caminhos da alma. Todo aquele que aprende ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade e jamais poderá ser violento. Pelo contrário, o educando que vivencia essa experiência fica alegre vendo as asas crescer (SCOFANO, 2002 p.184)

O questionamento sobre o teor dos conteúdos apresentados pelo professor deve ser analisado com base sobre ser ferramenta ou brinquedo. Se a análise não detectar a presença desses elementos, deve ser substituída. Um outro símbolo que liga

diretamente esse conceito é a ideia de que o homem carrega duas caixas: uma para os brinquedos e outras para as ferramentas.

Na caixa de ferramentas colocamos tudo o que precisamos para a sobrevivência e a ideia é não carregar nada que seja desnecessário. O corpo descarta tudo o que julga inútil porque é inteligente. Na caixa de brinquedos armazenamos o que nos faz feliz e nos dá prazer.

Exemplos disso são a música, a poesia a culinária, a dança e tantas outras coisas que não servem para nada, mas são fundamentais para a felicidade humana. Toda ferramenta ou brinquedo oferecidos na experiência educacional, jamais são esquecidos. Porém, eles devem ser propostos aos alunos com competência. (SCOFANO, 2002 p.186)

Outra metáfora Alvesiana utiliza os moluscos para ilustrar a situação de fragilidade e compensação do homem diante da sobrevivência. Segundo Alves o corpo físico do homem é mole e inadequado diante dos perigos naturais que o rodeiam. Somos diferentes de outros seres que encontramos na natureza que possuem artifícios naturais nos próprios corpos que os protegem.

Somos semelhantes aos moluscos que possuem conchas para proteger o interior delicado. Compensamos a nossa fragilidade física com a inteligência. Em resposta a dificuldades e desafios a inteligência se desenvolve tornando-se ferramenta.

Os programas escolares se baseiam na convicção de que os conhecimentos podem ser aprendidos numa ordem predeterminada. Ignoram que o processo de aprendizagem só acontece pelos desafios do cotidiano do educando. Aqui reside uma das principais razões do fracasso de nossas escolas. Isso explica também o sofrimento dos alunos e a sua justa recusa em aprender. (SCOFANO, 2002, p. 187)

Passado um tempo das avaliações os alunos esquecem o que foi ensinado. A metáfora aqui se utiliza do processo envolvendo um corredor de macarrão. Ele diz que o que resta depois de escorrer o macarrão é o que realmente importa. Toda água que foi descartada simboliza os conteúdos que foram ignorados pelo corpo.

O aluno usa o esquecimento como artifício para esvaziar a caixa de ferramentas que esteja cheia de conhecimentos sem utilidade. Usa as ferramentas para atenderem o exigido nos exames oficiais, como os Vestibulares, e depois descarta por julgar desnecessárias. Por isso a crítica. Para Alves, os resultados desses exames ficam maquiados por avaliarem os conhecimentos que em um futuro próximo não estarão mais na memória.

As avaliações oficiais, nesse caso se tratando do Vestibular, regem os nossos currículos. Por isso qualquer modificação que se pense para mudanças nos planejamentos e conteúdos pedagógicos acaba por esbarrar nos processos que envolvem nesses exames. Os resultados são tão decisivos para que podem ser o trunfo ou o desespero para os alunos, dependendo dos resultados.

O que mais preocupa é a quantidade excessiva de descarte desses conhecimentos. Apenas essa informação serviria para se repensar todo o processo. RA

afirma que se os professores que idealizam e redigem as questões das provas fossem submetidos ao mesmo exame, certamente teriam péssimos resultados. O fato é que cada professor está mergulhado apenas no seu universo, na sua disciplina e a tendência é esquecer os conteúdos das outras. Por isso os resultados seriam negativos. Assim como os alunos descartam as informações depois de um tempo, os professores também já não tem memória de todas as informações envolvendo as demais disciplinas.

O autor diz que entende a preocupação dos pais e da sociedade quando afirmam que a Educação é importante para a vida do homem. O que ele sugere é que haja uma reflexão diante das práticas e uma interação maior com o que envolve o prazer e a alegria por julgar tão necessário quanto os conhecimentos técnicos e científicos.

A Escola funciona separando os alunos por faixa etária em salas. As aulas tem um tempo predeterminado. Ao soar uma campainha os professores trocam de sala. Desta forma cada turma tem diversas disciplinas em um só dia. O fato é que desta forma o conhecimento é passado e não aprendido.

Não há um compromisso com a verdadeira aprendizagem, pois isso não se limita apenas a esse espaço físico tampouco a um tempo predeterminado. A Escola passa o conhecimento como uma receita de bolo e espera que todos saiam com resultados iguais e positivos. Para o sistema o simples fato de transmitir os conhecimentos garante o cumprimento do seu dever.

Reafirmando que o conhecimento não se dá apenas dentro dos muros da Escola, o autor cita a aprendizagem familiar. O processo do início da fala nos mostra que esse aprendizado significativo acontece naturalmente e não é questionado ou descartado. Uma atividade simples como descascar uma laranja é aprendida repassada e nunca questionada. A resposta está na necessidade de se consumir o fruto e no prazer de saboreá-lo. A pergunta é: qual o motivo que as crianças têm de questionar a ida e permanência na Escola? Elas não veem motivos claros para estarem lá e o sofrimento da permanência causa repulsa pelos conteúdos escolhidos, muitas vezes sem qualquer ligação com o cotidiano.

Em uma aldeia de pescadores onde o cotidiano envolve elementos da natureza e práticas para extrair o sustento dos moradores a Escola se sente no direito de ensinar conteúdos envolvendo análise sintática.

A questão central é que o corpo. Sujeito da educação na Pedagogia Alvesiana, só pensa coisas que lhe são vitais. Ele pensa para viver. É exatamente por isso que o educador deveria fazer o tempo todo a pergunta: o que estou ensinando é vital para meus alunos. Nesse sentido, o ato de educar deve partir do espanto e da curiosidade pelas coisas da vida. (SCOFANO, 2002. p. 195)

Para RA a Escola é um lugar amedrontador para os alunos. Essa afirmação se deve ao fato de as crianças citarem momentos de lazer e socialização com os colegas os poucos e únicos momentos pelos quais sentem alguma alegria. A sala de aula e o conhecimento transmitidos a elas não são julgados positivamente pelo contrário são vistos com temor e descontentamento. Os castigos corporais foram substituídos pelos castigos mentais onde deve-se aprender um volume grande de informações que são julgados sem sentido e descartados instantaneamente após a utilização.

A Escola se preocupa com a infraestrutura, salas organizadas, equipadas e entiquetadas. Deixa de lado o que é realmente importante, despertar o interesse, o amor e a alegria pela aprendizagem. Perde grandes oportunidades por ser um espaço de organização, decoração e pobre de estímulos. Tudo ao avesso do que realmente deveria ser.

Uma casa cheia de estímulos e com objetos interessantes de serem tocados e descobertos contribui para o crescimento e desenvolvimento intelectual.

A inteligência começa nas mãos. As crianças não se satisfazem em ver: elas querem pegar, demonstrar, manipular e montar. Por que então a inteligência se satisfaria apenas com o ato de ver as coisas? Os olhos mostram para a mão o caminho das coisas a serem mexidas. Ciência se faz em qualquer lugar. Apenas precisamos de duas coisas: olho e cabeça. Assim, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver e ensinar a pensar. (SCOFANO, 2002, p.200)

Rubem Alves defende a ideia de que tanto a casa quanto a Escola podem ser lugares incentivadores ou emburrecedores. Uma casa onde a criança tem a chance de explorar texturas, sabores, cheiros e experiências simples, é possível encontrar possibilidades reais de se conhecer as Ciências de forma leve e significativa. Nessa situação não existe competição ou medos apenas o interesse e curiosidade pela aprendizagem.

Não tem muito tempo o governo e algumas instituições privadas criaram um sistema que avaliava a Educação chamado: Qualidade total. Para Rubem Alves nada disso era necessário já que ele defende que o corpo humano possui um controle de qualidade e por si só distingue o bom do ruim.

A capacidade de sentir prazer não é um dom natural. Precisa ser aprendida. Tudo o que se aprende, que se sabe e que se faz tem por objetivo a felicidade e o prazer. Controle de qualidade é controle de prazer. Gestão de qualidade é gestão de prazer. Qualidade total é prazer total. Devemos ter cuidado de não tirarmos a conclusão de que sua visão educacional é hedonista e descomprometida. É claro que ele defende que a escola ofereça a Ciência e a técnica em seu currículo, porém o que não aceita é que isto se torne um fim em si mesmo. (SCOFANO, 2002, p.204)

Os esforços do governo para melhorar a Educação através de rigorosas avaliações não terão sucesso se o que motiva está equivocado. A maneira de se pensar está distorcida. As necessidades do corpo não estão sendo levadas em conta. Os critérios técnicos, metodologias e conteúdos distantes da realidade dos alunos não estão sendo repensados o que nos leva a acreditar que estamos distantes de um final feliz.

Na crônica intitulada *Quero uma escola retrógrada* critica as escola por usarem um processo inspirado nas linhas de montagem para conduzi-rem a Educação. Não se importam com as singularidades e particularidades que o ser humano requer. Utiliza-se do poder que a Escola possui para formar alunos utilizando "peças" iguais e descartando aqueles que não estiverem dentro das normas preestabelecidas.

A visão de Escola foge às respostas estereotipadas de vários educadores. A falta de verbas, a condição de indigência dos professores, o mau aproveitamento dos alunos, também são preocupações do autor porém, acrescenta a isso tudo uma mudança de filosofia da escola. Mesmo que o Estado investisse mais, pagasse mais aos professores e desse todas as condições materiais para o ambiente escolar, ainda faltaria o essencial, uma mudança de mentalidade. Afinal é um equívoco pensar que com panelas novas e sofisticadas o mau cozinheiro fará comida boa. (SCOFANO, 2002, p. 209)

A crítica mais presente ao trabalho de Rubem Alves é que suas propostas não passam das crônicas, metáforas e analogias. Existe um forte questionamento ao fato do autor não ter concretizado de forma prática sua filosofia. Ele não criou uma escola porém conheceu a escola de seus sonhos quando viajou para Portugal, a *Escola da Ponte* lá presenciou de forma prática seus conceitos de Educação. Sempre demonstrou sua inconformidade com as práticas pedagógicas presentes em nossas Escolas.

Na Escola da Ponte Alves teve a oportunidade de vivenciar um lugar onde a alegria e a inteligência possuíam o mesmo peso. Sem salas de aula, divisão por séries ou aulas ministradas por professores porém com a participação e interesse dos alunos. Pequenos grupos se formavam e mediante o interesse dialogado, o professor fazia a mediação. Durante um período de 15 dias existia uma orientação sobre as pesquisas necessárias para a aprendizagem, o desenvolvimento dos projetos. Depois desse período uma avaliação coletiva era feita juntamente com o professor para definir se os objetivos foram alcançados. Assim acontecia a aprendizagem com autonomia e liberdade.

Os portadores de necessidades especiais interagem normalmente com os demais, existe um clima de comunidade e solidariedade onde as crianças ensinam os colegas que estão com alguma dificuldade. A liberdade para expressar as opiniões é claramente respeitada. Os alunos, através de computadores bem acessíveis fazem elogios ou críticas. As regras de convivência são idealizadas por todos. Se ocorrer algum problema de comportamento indevido isso é avaliado por um tribunal e o resultado consiste em refletir durante três sobre o ocorrido e voltar para compartilhar a reflexão.

A lição que essa escola nos aponta é que todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são todos companheiros de aventura. Não há competição. Todos se ajudam. A cooperação é fundamental nesse espaço. Os saberes são vinculados ao ritmo da vida e não ao de programas e currículos fechados. Trata-se de uma escola que ouve as crianças de forma sincera absorvendo o que elas sentem e pensam. (SCOFANO, 2002, p. 216)

2 A crítica de Rubem Alves a Educação Tradicional

2.1 Sobre o vestibular como sombra que paira sobre todo o Sistema Educacional

Nesse capítulo serão apresentadas as críticas de Rubem Alves ao sistema educacional que utiliza a educação tradicional como diretriz para seus métodos. O autor através de contos e crônicas discorre com simplicidade suas vivências cotidianas com alunos, professores e pais em todo processo educacional. Diferente de outros críticos, ele não se limita a olhar o espaço físico da escola, por acreditar que a educação se estende para além desta.

Um exemplo dessa forma de expressão da crítica pode ser percebida no conto "O país dos dedos gordos". Sendo inspirado em "Bela Adormecida" apresenta uma princesa que recebe a maldição de ter o dedo seu-vizinho engordado exageradamente. Para não sofrer qualquer tipo de discriminação, o rei passa a submeter os meninos do reino a exames vestibulares onde, recebe o prêmio (participar de um baile onde será escolhido o candidato apto a se casar com a princesa) quem mostrar a maior semelhança com a maldição sofrida por ela.

No reino onde antes ter uma vida alegre era o principal objetivo, passa agora a ser visto como algo supérfluo. O novo estilo de vida resume-se em ter a carga dobrada de trabalho para pagar cursinhos e orações em prol do sucesso de alcançar a tal característica de ter o dedo gordo.

O desfecho acontece quando a princesa, insatisfeita com todos os candidatos do vestibular, decide confessar para o rei que achava os candidatos chatos porque só sabiam falar de dedos grossos e preferia um moço de dedo fino que fosse alegre e pudesse alegrá-la.

O rei então, percebe o erro que cometeu ao influenciar diretamente o modo de vida de todos priorizando algo particular e familiar que resultou em muita tristeza para o seu povo. Todos sentiram que perderam tempo, não receberam nenhuma premiação e não desfrutaram a alegria de viver.

Aqui Rubem Alves explicita uma de suas principais críticas: todo o processo que envolve os exames vestibulares. Esse posicionamento é reiterado diversas vezes em seus textos.

Escola é máquina de destruir crianças. Nas escolas as crianças são transformadas em adultos. É isso que todos os pais querem: que os filhos sejam produtivos. Como ficam felizes quando eles passam no vestibular! (ALVES, 2010, p. 37)

Segundo o autor o vestibular do Brasil influencia todo o sistema educacional. Os conteúdos exigidos por essas avaliações estabelecem padrões de conhecimento. Tais padrões são selecionados por professores especialistas em cada área levando as avaliações a volumes excessivos de informações.

Os professores que preparam as questões para os exames vestibulares, cada um mergulhado nas particularidades da sua própria disciplina, nem de longe imaginam que, ao elaborar uma questão, estão determinando os rumos da educação no Brasil (ALVES, 2013, p.16)

O autor acredita que se esses profissionais fossem submetidos aos exames vestibulares a possibilidade de fracasso seria considerável, tendo em vista a quantidade de informações específicas e exageradas que tais avaliações exigem.

Ele define o conhecimento como algo prazeroso ou utilizado como ferramenta na vida. Sabendo que o vestibular é uma avaliação dos conhecimentos nos conteúdos adquiridos pelo candidato, e que os conteúdos exigidos no vestibular não se aplicam as características do conhecimento prazeroso, o que acontece é um descarte imediato por parte do cérebro após a sua utilização.

Analisando essas informações refletimos sobre a importância de rever as exigências dos conhecimentos exagerados nos vestibulares, á que os conteúdos trabalhados em boa parte do sistema educacional são embasados nesses exames. Rubem Alves afirma que é necessário rever os métodos utilizados na tentativa de que a educação tome novos rumos e o conhecimento acumulativo dê espaço ao prazer pelo aprendizado.

Entretanto a solução de modificar os padrões de conhecimento nesses conteúdos não é suficiente para resolver o problema. Ele apresenta como exemplo um episódio envolvendo a UNICAMP, que aplica um dos vestibulares mais disputados e difíceis do país. A Universidade enviou uma mensagem as escolas com a intensão de modificar os padrões tradicionais de ensino:

Não queremos alunos que saibam de cor os mapas e seus caminhos já conhecidos. Para isso basta ter boa memória. Queremos alunos que, sabendo a "língua" dos mapas sejam capazes de encontrar caminhos em mapas nunca vistos. (ALVES, 2013, p. 22)

As avaliações foram bem-sucedidas. Porém, ainda que os resultados tenham sido positivos o problema com o número de vagas não foi solucionado permanecendo assim o mesmo percentual quantitativo no processo de exclusão.

Vestibulares: tanto esforço, tanto sofrimento, tanto dinheiro, tanta violência à inteligência. O que restou no seu corredor de macarrão de tudo o que você teve de aprender? (ALVES, 2010, p. 50)

Existem sofrimentos que fazem sentido. Sofrimentos que ao final trazem prazer. O final das dores de parto tem como recompensa o sonho realizado de ter um bebezinho. Sofrimentos sem sentido, são aqueles que não trazem nada além de si mesmos, não terminam com alegria ou recompensa. Nesse contexto Rubem Alves apresenta suas críticas ao sofrimento inútil dos vestibulares.

Além disso, ele afirma que desde a entrada no sistema escolar, em tenra idade, a criança é exposta a pressões e exigências de conhecimentos que futuramente serão

testados no vestibular. É forçada a aprender conceitos abstratos e sem utilidade. Ignora-se a necessidade de aprender na prática sobre as ferramentas para viver no mundo.

Após o período do vestibular, o jovem se vê em duas situações: passa no vestibular e descarta imediatamente todo conhecimento que foi forçado a adquirir ou não passa no vestibular, descarta todo conhecimento inútil, fica sem a promessa da faculdade e sem nenhum saber ou ferramenta para seguir a vida. Rubem Alves avalia o conhecimento transmitido pelo sistema tradicional como inútil.

Um exemplo da vivência do autor com o vestibular foi o sofrimento de sua filha no processo de estudos para os exames. Ele a consolava dizendo que, 2 meses após o vestibular, ela esqueceria tudo o que detestava. Esta afirmação está fundamentada em seu conceito de que a memória inteligente só carrega aquilo que é útil ou dá prazer.

Os conteúdos exigidos no vestibular são acúmulo de conhecimentos que não fazem sentido para os jovens. Não são utilizados. Mesmo sendo verdadeiros, esses conhecimentos não são práticos. A Ciência da navegação, não faz sentido para moradores de montanhas. O conhecimento da construção de iglus não faz sentido para quem mora no deserto.

Rubem Alves reflete sobre todo conhecimento que adquiriu no período escolar, e que agora foi esquecido. Não teve utilidade, afinal a memória mora na ação. Se um teste fosse feito com alunos, professores universitários e de cursinho um tempo após o vestibular, muitos conhecimentos exigidos não seriam lembrados. São exigências sem inteligência, tolas. Não faz sentido obrigar jovens a acumular conhecimentos que não são usados como ferramentas na vida.

O autor argumenta sobre a afirmativa lançada por alguns de que o aluno eventualmente utilizará aqueles conhecimentos na sua vida, portanto devem aprendê-los. O cérebro é comparado a uma caixa de ferramentas que guarda os conteúdos trabalhados na escola.

Os inteligentes são os que carregam poucas ferramentas e descartam aquelas que não são úteis. A sabedoria está em saber procurar as ferramentas e saber utilizá-las. A vida do aluno que só tem ferramentas é triste, pois ele precisa também de prazer. Viver bem é exercitar a sensibilidade. As ferramentas que têm como objetivo gerar prazer, não tem sentido se não forem utilizadas e apreciadas pelos resultados. O violino só tem sentido quando é apreciado pela música que entoa, a panela só é útil quando se aprecia o alimento cozido nela. A educação precisa ensinar para sensibilidade, para os prazeres.

Rubem Alves continua dizendo que as ferramentas que não geram prazer de nada servem, e ocupam espaço na mente se não são usadas para o seu fim. O que pode acontecer é uma utilização mecânica. O aluno utiliza e não faz ideia de como fez para a ferramenta funcionar. Não houve reflexão. Ele critica a educação tradicional em que na escola a criança aprende sobre os grandes artistas, mas não sabe apreciar obras de arte, aprende sobre o ciclo da vida, mas não vivencia a emoção do nascimento de um filhote.

Assim, ele conclui, que o aluno se torna insensível, não por sua culpa, pois é ensinado desde pequeno a acreditar que somente as ferramentas são úteis, e assim quando se deparam com os prazeres que elas geram, não sente, porque não sabe. Sua

mente está preenchida pelo mecanismo das ferramentas, não há espaço para as alegrias e prazeres.

2.2 A Pedagogia hegemônica de valorização da racionalidade tecno-científica como forma norteadora da Educação escolar

O piano e a música estão relacionados, mas são muito diferentes. Pianos tem quantidade, medidas, marcas, são máquinas fabricadas com extrema precisão e Ciência. Devem ser afinados e são absolutamente iguais entre si. Os pianistas devem encontrar em qualquer piano: afinação, peso de teclas específico e resposta instantânea ao dedilhado. Já a música trabalha com a subjetividade e qualidade.

Piano é Ciência, medidas, formas, método quantitativo onde tudo é mensurável. Existe uma fabricação exata, pesada e reproduzida identicamente. São reais porque são objetos. O piano, um objeto real, gera uma música real, mas que não pode ser mensurada e medida. Música gera prazer, e por isso não basta o homem criar e fabricar pianos, é preciso toca-los e aprecia-los. Os homens precisam do prazer para apreciar, precisam da música qualitativa que vem do piano quantitativo.

O prazer não pode ser repetido com exatidão. Uma interpretação musical não consegue ser idêntica em duas situações, ainda que possua a mesma partitura. A música gera diferentes reações. Reações com qualidades que não podem ser medidas, não é Ciência, é prazer.

Os filósofos perceberam as diferenças entre quantidade e qualidade. Existem as qualidades primárias. Pertencem ao objeto independente do sentimento do homem em relação a ele. Podem ser reproduzidas matematicamente e repetidas inúmeras vezes. Com elas se faz Ciência. A cozinheira que faz uma receita com os mesmos ingredientes e quantidades, repetidas vezes, o pianista que interpreta a mesma partitura tocada há séculos.

Já as qualidades secundárias dizem respeito aquilo que o homem sente. É o que os objetos causam nos sentidos do homem. É como cada ser humano se relaciona com os sentimentos despertados pelo objeto de qualidade primária. A reação de um mineiro e um adventista diante de um frango ao molho pardo são diferentes. Dois ouvintes entendem uma mesma sonata tocada ao piano, de formas diferentes.

Os prazeres e sentidos despertados pelas qualidades secundárias oriundas da relação entre humanos e objetos são reais, mas não podem ser descritos e quantitativamente medidos com igualdade de resultado. Não são científicos, não podem ser reproduzidos e descritos igualmente. O homem é movido pelo prazer. Mesmo o cientista tem motivações de qualidade, sentimentos de realização, competição, inveja, alegria, descoberta. São impulsionadores da produção de Ciência.

Levanta-se a discussão da supervalorização da Ciência acima dos sentidos. A Ciência tem o seu foco no que pode ser mensurado. Mesmo o piano perfeito pode ser considerado inútil em um concerto onde será utilizado. Para a Ciência, prazeres e sentidos são inferiores. O objeto perfeito pode ser constantemente produzido e reproduzido em larga escala. E constantemente exaltada a capacidade humana de repetir e reproduzir com exatidão a perfeição alcançada.

A utilidade é um fim em si mesma, pois o prazer para qual foi criada já não existe. Fabricam-se os pianos, e não se ouvem mais concertos. Ensinam-se para os vestibulares, mas não se permite mais os brinquedos.

Uma enorme família vivia na cidade. Mas viver na cidade era uma tortura. Decidiram sair da cidade viajar, viver no mar, dentro de um barco, realizar um sonho. Para realizar o sonho de viajar, não bastava apenas sonhar, necessitavam de conhecimento. É preciso saber sobre as velas, as embarcações, bússolas, mares, constelações.

Agora especialistas, verdadeiros cientistas da navegação, viram-se diante da escolha do destino da navegação. Cada um escolhia um destino diferente e discordavam das escolhas uns dos outros. Não sabiam para onde ir. A Ciência da navegação não respondia para onde ir, só respondia como ir. Os computadores não opinavam no objetivo final da rota.

Navegação é uma Ciência, mas para navegar é preciso querer ir para algum lugar. Na Ciência da navegação, por mais conhecimento técnico que se tenha, não se atinge nenhum objetivo sem antes saber para onde vai. Para Rubens Alves é no coração que decidimos, no desejo de navegar, no sonho de alcançar o destino. Então depois utiliza-se a Ciência para saber o necessário sobre navegação, caminho, barco, velas, mastros, força, velocidade. Enfim todo o conhecimento necessário para o sonho se realizar, e alcançar o destino.

Mas a sociedade de hoje está com esses conceitos invertidos. Multiplica-se os conhecimentos técnicos sobre navegação, sabe-se muito sobre como navegar cada vez mais rápido e melhor. Porém hoje, os indivíduos não sabem para onde navegar, não se interessam pelo destino. O interesse está em ser mais rápidos, mais precisos, maiores e melhores.

Essa é a doença da sociedade atual, não se pergunta para onde se está indo, o importante para Ciência é ser pragmático. Ater-se a forma de funcionamento como objetivo de gerar mais. O conhecimento sobre produzir e construir, é feito por partes. Nunca o todo.

É isso que é ensinado nas escolas. Ensina-se as crianças a navegarem sem olhar as estrelas. Todos navegam em grande velocidade, mas sem rumo. O importante é ter estudo e conhecimentos científicos, não há espaço para olhar as estrelas e sonhar com um destino.

É necessário que a escola, além de ensinar os conhecimentos científicos, apresente para as crianças opções de destinos. É preciso inverter a lógica atual. É preciso que as crianças sonhem em navegar, para depois aprenderem sobre a navegação. Afinal, do que adiantar ensinar para crianças que vivem em montanhas e sonham com montanhas, sobre mares navios e navegações?

O autor diz que seu sonho para educação é que os homens encontrem a felicidade, através dos prazeres e alegrias. A escola deveria ser um lugar para se descobrir e encontrar a felicidade através da realização dos desejos. Mas ao contrário disso ela vive em busca do progresso, presa em técnicas e avanços científicos. É preciso abandonar esse tecnicismo e se unir aos alunos na busca do paraíso, dos sonhos, dos desejos realizados. Deve se um lugar para se encontrar o caminho para felicidade.

2.3 Sobre Gramática, Literatura, Matemática e política

Ao apresentar suas críticas sobre a inutilidade do ensino de gramática pela educação tradicional, ele conta sobre as cartas que recebia sobre os livros infantis que escreveu. Relata a história de uma carta escrita por um menino de nove anos que dizia que aprendeu sobre liberdade no livro escrito pelo autor. Porém estava frustrado por nunca poder ter a chance de vivenciar tal liberdade, já que sua professora o aprisionava cobrando apenas temas como dígrafos e encontros consonantais.

Rubem Alves descreve a oposição da poesia e emoção da leitura versus a anatomia gramática do texto. O prazer da leitura não pode ser avaliado, é subjetivo. Mas o professor é pressionado a seguir normas e exigências superiores, desse modo precisa avaliar os dígrafos, ditongos, encontros consonantais...

A educação tradicional vê a Literatura como um conjunto de expressões gramaticais, que podem ser sintaticamente analisadas e anatomicamente descritas. Conclui assim que esse processo não desperta o prazer, portanto, não é possível o gosto pela leitura e Literatura.

A consequência é que a Literatura passa a ser odiada, pois é objeto de conhecimento científico, que deve ser avaliado no vestibular. A educação tradicional transforma a Literatura de grandes autores em livros resumos. Aquilo que é considerado importante para a avaliação passa a se tornar o foco. Assim, o livro e a magia que o gerou ficam esquecidos, pois não é pelo prazer que se lê, mas pela obrigação de saber o que está escrito.

Sonho com o dia em que as crianças que leem meus livrinhos não terão de grifar dígrafos e encontros consonantais e em que o conhecimento das obras literárias não será o objeto de exames vestibulares: os livros serão lidos pelo simples prazer da leitura (ALVES, 2012, p. 49)

Rubem Alves acredita que para se fazer Literatura não é preciso conhecer gramática, pelo contrário, escritores e gramáticos são inimigos declarados. O autor define-se um escritor que desconhece, sem pudor, a gramática e não se envergonha diante dos gramáticos que o corrigem.

Ele exemplifica a insensibilidade trazida pela obsessão das regras gramaticais ao contar a história de um senhor que o escrevia para corrigi-lo. O homem enumerava todos os erros gramaticais sem comentar qualquer trecho que o havia interessado. A essência do texto não importava para ele.

Também critica o assassinato da palavra "estória", que foi substituída no dicionário pela palavra "história", por decisão de gramáticos. O autor cita Guimarães Rosa que declara que estória nunca será história. Para exemplificar faz uso da anedota da correção de um texto seu em que o pássaro anús foi corrigido para anus, parecendo que em vez de pássaros se falava de intestinos.

Ele prossegue, levantando críticas ao fato de que alunos, que desejam passar no vestibular, precisem se apegar a Literatura na forma de decoreba pautada por dicionários e gramáticas. O autor defende que a Literatura precisa da liberdade para

inventar e errar. Somente dessa forma o escritor literário conseguirá genuinamente expressar aquilo que sente e necessita.

As palavras vindas do coração, são vivas, tem vontade própria e fazem o que querem. Já as palavras corretamente escritas por supervisão da gramática, estão mortas, precisam ser vistas como em necropsia, a espera de serem utilizadas inertes como estão, colocadas cuidadosamente na avaliação.

Em suma, Rubem Alves traz a crítica de que a gramática retira o prazer da leitura. Ela se propõe apenas a restringir a Literatura, e a servir de mais um item para seleção no vestibular. Nesses exames onde só recebe a aprovação o candidato que faz o uso correto da gramática, ignorando a própria essência da Literatura.

Leiam o Manoel de Barros. Os livros dele não existiriam se tivessem que passar por revisores armados de Aurélio. Haverá título mais doido que O livro das ignorâncias. O revisor corrigiria para O livro das ignorâncias (ALVES, 2012, p. 55)

Além de críticas ao ensino da gramática, há críticas a metodologia utilizada pela educação tradicional ao ensino da Matemática. Ele relata as experiências que teve com a sua filha nas atividades de casa com problemas matemáticos. Conta que sempre incentivava a imaginar caminhos diferentes para obter as respostas. Todas as vezes que isso acontecia, a filha se recusava a testar as novas formas de solucionar os problemas, afirmando que só havia uma forma correta. A forma aceita e ensinada pela professora na escola.

O autor compara essa história com o que acontecia no catecismo religioso onde dava-se a resposta com o objetivo de ter o direito de cobrar exatamente o que foi ensinado. E sem qualquer questionamento ou reflexão, alcançava o sucesso aquele que, ao fazer repetições incansáveis do conteúdo, dava a resposta esperada. A crítica de Rubem Alves é de que a Matemática que tem como riqueza a multiplicidade de soluções para um mesmo problema é restringida na educação tradicional para uma única solução.

O saber já testado tem uma função econômica: a de poupar o trabalho, a de evitar os erros, a de tornar necessário o pensamento. Assim, aprende-se para não precisar pensar. Sabendo-se a receita, basta aplicá-la quando surge a ocasião. (ALVES, 1994, p. 23)

Em uma nova experiência com as práticas do cotidiano escolar, Rubens Alves conta sobre um episódio com sua neta Mariana. Ela tinha orgulho de estar no Pré A. Um dia, ao chegar em casa contou que precisava descobrir o que significava a palavra "Política". Imediatamente o autor pensa hipoteticamente na neta e as amigas discutindo sobre o assunto com as bonecas em uma roda sobre política. Afinal só se pode definir algo quando se vive e se pode discutir

Eis que ele fica com raiva das escolas que propõem conhecimentos sem sentido. Conhecimentos que não fazem parte da vida das crianças. Diz que tem certeza que a escola não gosta de crianças, afinal, dar um trabalho de política para uma criança de seis anos é dar picanha a um bebê. Ao final ele conversou com a neta sobre política, e ela disse que não entendeu nada, e ele considerou que afinal, foi melhor assim.

O autor constata que descobriu uma lacuna em seus conhecimentos e seu trabalho de contos. Diz que não sabia nada sobre a vida amorosa das estrelas do mar. Descobriu quando seu filho, pai da sua netinha, estava revirando enciclopédias em busca dessas informações para um trabalho escolar.

A gente aprendia olhando e pensando os objetos que habitavam o mesmo espaço que nós. E foi assim que eu equivocadamente, elaborei um princípio pedagógico, que diz que a aprendizagem acontece no espaço habitado, espaço onde crianças, sensações, sentimentos, bichos, coisas, ferramentas, cenários, situações, pessoas e atividades acontecem e formam o mundo. Eram os objetos do cotidiano, a gente não precisava de enciclopédia para fazer pesquisa. Pesquisa se fazia com os cinco sentidos e a curiosidade (ALVES, 2012, p.154)

Rubem Alves reflete que na sua época de criança, desconhecia a existência das estrelas do mar e por isso, ser ensinado sobre a vida amorosa delas, não havia sentido. Mas galinhas, faziam parte de seu cotidiano, e através delas ele aprendia diversos saberes: política, Biologia, sexualidade. Não só a vida amorosa das galinhas lhe era comum, mas também de moscas e de cachorros. Seu cotidiano era a sua enciclopédia. Diferente do cotidiano da sua neta que aprende por pesquisas abstratas.

Ele afirma que há diferenças entre suas crenças pedagógicas de aprendizado pela experiência, e as crenças pedagógicas modernas que dizem que o aprendizado acontece a partir da leitura. A leitura pode ser "emburrecedora", pois se gastarmos todo o tempo lendo não sobrar tempo e espaço para refletir. A prática da leitura sem reflexão abre mão dos próprios pensamentos para se pensar o do outro.

O autor abre mão da leitura de conteúdos que não julga necessário, diz que perderia o pouco tempo que lhe resta com informações que nunca conseguiria absorver.

Segundo o que penso, e seguindo minha filosofia da aprendizagem, o corpo aprende apenas aquelas coisas que está em contato. A aprendizagem é uma função do viver. A gente aprende para sobreviver e para viver melhor, com alegria. Mas a vida tem a ver com a relação direta do corpo com o seu meio. Por isso a aprendizagem começa com os sentidos: o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar, o gostar. (Ibidem, p156)

2.4 Sobre os educadores, ferramentas e memorização

Rubem Alves conta que quando aluno, as professoras ensinavam que o Brasil, no futuro, seria um país grandioso tendo em vista a riqueza de matéria prima. Informação equivocada! Ele reflete sobre o fato de o Brasil ser um país imenso repleto de matérias primas com muito potencial e pouco pensamento. Não se sabe o que fazer com tudo isso. O fato do país ser rico causou a falsa ideia de que não se precisava pensar no que fazer com toda essa riqueza. Ele apresenta a figura de linguagem de um dono de loja de tintas que não teve garantida por esse fato a habilidade de ser pintor.

A escola tem o papel de levantar a curiosidade, de aguçar o questionamento e não de dar sempre as respostas. Assim como uma ave precisa primeiro ficar de pé e só depois inicia os seus ensaios para alçar voo, também o aluno tem o direito de dar os primeiros passos sozinhos na busca pelo conhecimento. A satisfação de encontrar as

respostas, garantirá a sensação de êxito, dificilmente sentida quando a pergunta vem acompanhada pela resposta.

O aprendizado toma a forma nas ações simples como: se comunicar, andar de bicicleta e amarrar os sapatos. Todas essas ações foram tão bem aprendidas que passaram da cabeça para o corpo. O corpo não precisa de teorias para executar os movimentos.

Pensar é voar sobre o que não se sabe. Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas. Não para ensinar as respostas mas para ensinar as perguntas. (ALVES, 1994, p.98)

Rubem Alves levanta críticas as escolas por serem locais de deformação, onde as crianças saem cheias de conhecimento e sem saber pensar. Para ele educar é ensinar a pensar. Existe diferença entre ter um diploma, saber muito sobre um assunto e saber questionar todo conhecimento que se tem sobre ele.

É um problema que ocorre na escola com as crianças e chega ao ensino superior. O problema não pode ser resolvido com adultos que já foram deformados quando crianças. Deve-se buscar a solução nos pequenos, naqueles alunos que estão começando a pensar.

Crianças devem ser ensinadas em seus universos, em suas casas. Para serem educadas, dentro daquilo que as cerca e interessa. A casa aguça nas crianças o que elas necessitam para pensar. Desperta o desejo do conhecimento e incita os questionamentos sobre a casa e seus objetos.

Primeira lição para os educadores: a grande questão não é ensinar as crianças é aprender delas. Quando ainda não sofreram influências na escola e não estão deformadas, o pensamento nasce, e a inteligência surge, estimulada pelo mundo que as cerca. Com as crianças aprende-se a pensar, a questionar, a olhar ao redor, não só para aprender o que é, mas para ser educado sobre o que mais poderia ser.

Ao refletir sobre a situação dos professores, ele conclui dizendo que são reféns do sistema. São pagos para ensinar sobre o que se formaram. Não têm autonomia para escolherem quais conteúdos serão apresentados. Veem-se obrigados a seguir os conteúdos programáticos escolhidos pelo sistema.

Você foi contratado para ensinar uma disciplina e você ganha para isso. A escolha do programa não foi sua. Foi imposta. Veio de cima. Talvez você tenha ideias diferentes. Mas isso é irrelevante. Você tem de ensinar o que foi ordenado. Pelos resultados do seu ensino você será julgado e disso depende o seu emprego. Se os seus alunos não aprendem, sistematicamente, é porque você não tem competência. (ALVES, 2012, p. 109)

Os alunos são afetados diretamente. Não são avaliados pelas suas capacidades de utilização dos conteúdos na forma prática, no mundo real. Eles são avaliados pela quantidade de conteúdos que são capazes de memorizar. Na educação tradicional, a memorização é o principal meio para o sucesso escolar. Os alunos questionam a razão

de estarem sendo cobrados por determinados conteúdos. A resposta é que futuramente servirá para algo e não servindo para nada, servirá para passar no vestibular.

O sistema tradicional seleciona os conteúdos programáticos e esses tornam-se o centro da educação. A memorização desses conteúdos servem para passarem nas avaliações. Os professores devem se render aos conteúdos estabelecidos para sua disciplina, e nunca se desviar deles. Alunos devem se render aos conteúdos estabelecido pelo professor da disciplina e nunca se esquecer deles.

O sistema exige do professor bons resultados, que são reflexos direto da avaliação do aluno. Espera-se que em curtos períodos, o aluno consiga repetir com exatidão as respostas ensinadas pelo professor. A inteligência focada na memorização não desperta prazer, é inconsistente. A criança pode até ser capaz de decorar e repetir todos os conteúdos trabalhados na escola. Mas do que vale essa prática se não sabem quais as suas aplicações na vida?

É possível que os alunos acumulem montanhas de conhecimentos que os levarão a passar nos vestibulares, sem saber o seu uso. Como acontece com os “vasos comunicantes” que qualquer pedreiro sabe o nome. O pedreiro seria reprovado na avaliação escolar, mas construiria a casa no nível certo, Mas você não é culpado. Você é contratado para ensinar a disciplina. (Ibidem, p. 110)

A educação deve fornecer ferramentas e formas de utilizá-las para suprir as necessidades vitais do corpo. Suprir necessidades de viver e de ter prazer. Os conteúdos de cada disciplina devem servir para serem aplicados na vida real do aluno. Ele critica a escola por não alcançar a capacidade intelectual máxima dos seus alunos. A escola parece não se importar se os conteúdos escolhidos servirão para serem colocados em prática. Isso é facilmente percebido através das avaliações.

O processo de avaliação dos alunos é curioso. Imagine uma pessoa que conheça uma série de ferramentas, a forma como são feitas, a forma como funcionam – mas não saiba para que serve. Os saberes que se ensinam nas escolas são ferramentas. Frequentemente os alunos dominam abstratamente os saberes, sem entretanto saber a sua relação com a vida. (ALVES, 2012, p. 109)

Além disso, ao perpetuar a memorização como forma de conhecimentos, o sistema tradicional inviabiliza o estudo dos objetos em sua interdisciplinaridade. A fragmentação dos saberes é necessária para que cada disciplina trabalhe sua resposta específica e não relacionada. O professor é cobrado a ensinar e avaliar fatos isolados e desconexos, passíveis de serem decorados. Os conteúdos selecionados se agrupam dentro de disciplinas específicas e fragmentadas.

Um objeto ou conteúdo não se limita a Matemática, Biologia, português ou a música. O mundo não é só feito de uma disciplina e as Ciências não são isoladas. Deve-se estudar o mundo e seus objetos de forma totalitária. Que se aprofunde principalmente o que faz parte da vida do aluno, e a partir dali se explore os conhecimentos científicos e artísticos.

Os currículos, só agora, muito depois da hora, estão começando a falar de interdisciplinaridade. Interdisciplinaridade é isso: uma maçã é, ao mesmo tempo, uma realidade Matemática, física, química, biológica, alimentar, estética, cultural, mitológica, econômica, geográfica, erótica. Mas o fato é que você é o professor de uma disciplina específica. Sai ano entra ano, sai hora entra hora, você ensina aquela disciplina. A disciplina é o deus a que você e os alunos devem se submeter. (ALVES, 2012, p. 111)

Os conteúdos trabalhados na escola são pautados no que o sistema julga importante e não necessariamente nas necessidades dos alunos. Para o professor que estuda, vive, respira sua disciplina é óbvio a razão pela qual o aluno deve estudá-la e aprendê-la. Para o aluno que ainda está imerso em seus prazeres e descobertas pessoais, esses motivos não são tão óbvios assim. O especialista que só conhece sua disciplina só é capaz de falar sobre ela. Para sobreviver precisa ensinar sobre a sua especialidade. Pois é o único trabalho que pode realizar.

Porém a tarefa da educação é desenvolver os órgãos dos sentidos, aguçar as percepções naturais. Tendo seus sentidos sensíveis, os jovens terão curiosidade e desejo por aquilo que os cerca e por aquilo que a escola apresenta. Assim a prática do aprender e ensinar se baseará, não em economia emprego ou vestibular e sim, na essência humana de desejar saber e aprender porque deseja. No contexto educacional envolvendo avaliações, Rubem Alves diz que deveria existir um controle de qualidade da educação.

O controle de qualidade da educação está presente no corpo e comportamento dos alunos. O ideal seria que ela alcançasse a maior aprovação nos testes de qualidade. Os resultados das avaliações utilizados atualmente não necessariamente refletem o desempenho da educação na vida dos alunos. Não necessariamente o melhor aluno conseguirá se sair bem nos problemas diários da vida. Não necessariamente será o mais inteligente da turma.

O saber teórico não é o saber da vida, a educação tradicional oferece opções de respostas, mas a vida não é como vestibular, nem sempre há opções de resposta. Pode acontecer de nunca se encontrar a resposta. Vestibulares e provões, oriundos dos saberes acumulados acabam aleijando a inteligência natural.

A educação deveria ser a prioridade governamental, pois aumenta a sensação de bem-estar na sociedade e eleva a qualidade de vida dos indivíduos.

A educação, na medida em que lida com a vida de pessoas e a vida do país, deve ser a área mais rigorosamente testada. É preciso que ela seja excelente. Entretanto, é a área em que os testes são mais difíceis. Avaliações, vestibulares e provões quase nada significam: nada garante que a qualidade medida por critérios acadêmicos numéricos, consiga passar os que a vida impõe. (ALVES, 2012, p. 169)

Assim Rubens Alves idealiza uma forma de avaliar a educação. Aplicaria um "exame". O sistema educacional seria avaliado através dos conhecimentos acumulados pelos alunos. Seriam testados todos os conteúdos. Ao início do exame os alunos seriam comunicados de que não deveriam assinar a avaliação.

O sistema educacional é uma máquina composta de milhares de alunos, milhares de professores, muitas horas de aula e currículos extensos. O objetivo dessa máquina é que os alunos incorporem o máximo de conteúdo transmitidos pela máquina. É aí que entra o "exame", definindo qual o rendimento da máquina ao passar seus conteúdos aos alunos.

Rubem Alves acredita que o rendimento não passaria dos 5%. Os alunos não seriam capazes de guardar 95% do que a máquina transmitiu ao longo dos anos. 5% é inaceitável, portanto a máquina seria reprovada. Diante desse resultado seriam realizados ajustes nos mecanismos da máquina.

Porém ele acredita que a máquina não possui erros. O que ocorre é que o aluno tem controle de qualidade no cérebro com relação a máquina. Diante de conteúdos de baixa qualidade, a mente descarta o que foi transmitido pela máquina. Assim no momento do exame, não existem memórias dos conteúdos. 5% é a quantidade máxima que o sistema de qualidade do corpo do aluno permite armazenar. Não consegue memorizar todos os conteúdos ruins transmitidos pela máquina da educação tradicional.

O aluno através de sua inteligência, faz uma seleção de qualidade e armazena apenas o que é útil e dá prazer. O problema está no conteúdo que é rejeitado pelos alunos, e nos meios utilizados para a máquina funcionar: pedagogia, psicologia, computadores e livros.

Eis aí a grande controvérsia. A educação tradicional propõe conteúdos e saberes que para o corpo não serve. Rubem Alves diz que o corpo em sua sabedoria, só absorve conhecimento daquilo que dá prazer ou tem utilidade. Os alunos se veem cercados de conhecimentos sem essas características. Quando questionam o motivo da aprendizagem de determinados conteúdos a justificativa simplista cita os exames vestibulares. Precisamos alimentar o aluno com o que o seu corpo e a sua inteligência almeja, e não com o que os vestibulares e provas exigem.

2.5 Sobre o poder das palavras e a doutrinação escolar

Rubem Alves traz a história de um príncipe que acreditou em uma palavra enfeitiçada e acabou virando o que a palavra disse: um sapo. Entendendo-se como sapo, negou-se a permanecer no palácio e foi morar com os sapos. Não contentando-se apenas em estar com eles, se especializou em tudo o que se relacionava a forma de vida dos sapos.

De vez em quando o sapo sentia uma tristeza muito grande e não conseguia explicar o motivo. Até que um dia iniciou uma canção e foi reprimido pelos mestres sapos que diziam que ele estava desafinado. Um pouco desconfiado continuou e foi logo acompanhado por uma linda jovem em um belo dueto. Um longo beijo trouxe de volta a lembrança de príncipe e o feitiço foi quebrado.

Essa história levanta reflexões sobre um personagem que tem os seus hábitos modificados em razão da crença em uma palavra enfeitiçada. A criança ingressa na escola com sonhos, curiosidades e perguntas. Ao se deparar com um sistema limitado esquece a sua essência e passa a viver em função dos objetivos que foram previamente estabelecidos para ela. "Feitiço é quando uma palavra entra no corpo e o transforma"

Crianças são naturalmente crédulas a força das palavras. Durante todo o período escolar palavras são repetidas. A educação é feita pelas palavras, podendo despertar o

lado positivo ou negativo de cada criança. As palavras que os alunos escrevem, ouvem, leem e repetem fazem parte da formação dos conhecimentos. O que as crianças conhecem e aprendem formam o que elas são e o que acreditam. É o que elas levam para o futuro no mundo adulto.

A escola utiliza o poder das palavras para doutrinar os alunos. Os conhecimentos, interesses e aptidões que não tem valor comercial não são valorizados. Esse modelo educacional é regido pelo capitalismo. Utiliza-se as palavras repetidamente até que se tornem verdade. Ignora-se o que os alunos gostam, sonham e valoriza-se o que a sociedade precisa. Crianças devem ter emprego quando adultos e não serem adultos que fazem de seus sonhos de criança uma realidade.

A escolha da profissão é uma decisão importante na vida do ser humano. É na escola que normalmente se tem contato com as primeiras informações, sobre as práticas de algumas profissões. A escola influencia na escolha da profissão que envolve a busca pelo sustento e sobrevivência. A criança recebe influência externa para fazer a escolha da profissão, essa influência é baseada na necessidade da sociedade. A recompensa se dá através de bens materiais e a satisfação em exercer a profissão não é prioridade.

A vocação está ligada ao amor, ao interesse pela atividade. Uma voz interior indica um caminho que busca a felicidade. A descoberta pelos detalhes envolvendo as práticas da atividade pode ser feita com informações externas porém a escolha se dá pelo desejo do coração. Quem segue esse caminho e escolhe dessa maneira, tem a possibilidade de brincar todos os dias.

As crianças não são ensinadas a se auto conhecerem em busca de uma vocação mas são incentivadas a adotarem uma profissão para exercer para o resto da vida. A educação tradicional ignora a vontade que nasce com a criança e adota as necessidades da sociedade que envolve atividades consideradas válidas e necessárias.

A educação tradicional forma e coloca os alunos em uma fôrma, delimitando e fechando o indivíduo em algo que ele não é e não deseja, deixando-o assim deformado. A escola impõe um limite cronológico de formar, impõe-se um limite em aprender, como se o aluno estivesse acatando uma obrigação, sem aprender além do que a escola julga necessário.

Rubem Alves propõe uma educação mais aberta, contínua, que se inicie na escola e continue pela vida do aluno. A alegria de aprender se torna um desejo constante, que é saciado e renovado por toda a vida. Aquilo que foi aprendido faz parte do indivíduo. Ele se expande, se transforma e ao se transformar, abre espaço para novos conhecimentos. E ao transformar-se, continua no processo de formação, ainda não acabado. Pelo contrário, está se expandindo em busca de novos saberes. O ciclo se inicia na escola e termina apenas com o fim da própria vida.

A escola separa os alunos por faixa etária. Para Rubem Alves o ideal seria a separação por interesses incomum. Através de um interesse principal, outros conhecimentos relacionados poderiam ser trabalhados. Os jardins são plantas em diferentes idades, existem os brotinhos e as árvores milenares. Elas convivem harmonicamente. Existe a possibilidade de alunos de diferentes faixas etárias estarem juntos neste modelo de aprendizagem pelo interesse incomum. É uma proposta alternativa ao modelo tradicional que inibe as trocas de experiências e interesses. O modelo proposto está baseado no conceito de que crianças com interesses parecidos aprendem mais juntos do que crianças em fases e interesses diferentes.

A escola tradicional é organizada por turmas com alunos da mesma idade. Esse tipo de organização não estimula o processo diverso de troca e crescimentos individuais independente das idades. A educação tradicional limita-se em si mesma a uma determinada quantidade de conhecimento limitado, que se restringe ao período escolar. O aluno formado está completo não tem mais o que aprender. Não há mais espaço para ele na escola. Não há mais o que adicionar.

2.6 O fracasso da escola

Rubem Alves critica a afirmação de que a educação será solucionada pela melhora na sua estrutura, afinal panelas novas não tornam cozinheiro ruim em cozinheiro bom. Ele conta sobre sua experiência ruim com a escola onde apenas um professor falava com empolgação sobre sua disciplina e não aplicava provas. Ele recorda sobre diversos conhecimentos que não eram práticos, sem sentido, e eram lembrados somente durante as provas e prontamente esquecendo em seguida.

Se um aluno esquece de algo na hora da prova é dito que foi responsabilidade do método de ensino. Mas para ele o problema não é o método e sim os conteúdos. Porque os conteúdos que não são utilizados pelo cérebro, são excluídos da memória, para abrir espaço para saberes que serão úteis ao corpo.

A escola se preocupa em melhorar sua infraestrutura, suas teorias e seus parâmetros com o objetivo de garantir a ordem. Com isso o aluno perde a posição de prioridade. Nessa corrida por alcançar esses objetivos, o aluno é forçado a comportar-se segundo o padrão estabelecido e ter sucesso nas avaliações. Segundo a escola, para estar em perfeita ordem, deve haver um número significativo de aprovações com o objetivo de satisfazer os pais e o sistema. Mas onde fica as necessidades do aluno? Esse aspecto é visto como secundário ou até mesmo inexistente. Temos uma escola rígida, com um grande número de avaliações, com objetivo de possuir prédios equipados para mostrar resultados.

Os interesses por infraestrutura colocam as necessidades dos alunos em segundo plano. O foco está invertido. O aluno serve como ferramenta para apresentar os resultados, para demonstrar o aprimoramento técnico. A escola não tem como prioridade o aluno, o prazer na aprendizagem. Sua técnica está voltada para o objetivo de transmitir o maior volume possível de conhecimento em um curto prazo. O aluno vai até a escola para acumular conhecimentos. Mesmo que estes não façam parte de seu cotidiano, e não façam sentido.

A escola não utiliza suas técnicas para trabalhar com as singularidades dos alunos levando-os a aprendizagem significativa. Fica claro em suas práticas a necessidade de ensinar o máximo possível para ter sucesso nas avaliações. Essas avaliações são como provas para demonstrar para os pais e o sistema, que os alunos estão acumulando conhecimentos. Não existe a preocupação desses conhecimentos estarem sendo válidos para construir as camadas necessárias para a formação.

Os alunos não aprendem de maneira igual. Suas necessidades são singulares. Não é adequado forçar o aprendizado com o objetivo de acumular conhecimentos. O cérebro descarta os conhecimentos sem significado. A escola coloca sobre o aluno a responsabilidade da memorização de todos os conteúdos.

Uma tirinha de Charlie Brown explica a utilidade das escolas. A definição que ele dá sobre o motivo de estar na escola é: tirar boas notas. Boas notas fazem passar para o ginásio. No ginásio é importante tirar boas notas para passar para a faculdade. Isso garantirá um emprego que garantirá um casamento. Casado você terá filhos. Filhos que irão para a escola tirar boas notas para passar para o ginásio e completar novamente todo ciclo.

Rubem Alves levanta críticas sobre as obrigatoriedades absurdas que a escola exerce sobre os alunos. As lembranças que temos das nossas escolas tendem a vir sem paixão ao aprendizado. Lembramos dos colegas, das horas no recreio mas dificilmente recordamos com prazer dos períodos de provas, das aulas de gramática ou Matemática.

2.7 Escola, privacidade e domesticação

Rubem Alves relata a história do Vitor que foi contratado pelo McDonalds e treinado em todos os aspectos operacionais, de higiene e atendimento ao cliente. Depois de um tempo começou a quebrar as regras por achar que os adolescentes que frequentavam a loja, se comportavam de forma inadequada. Observou que os clientes não cuidavam do lugar da mesma forma que ele. No seu entendimento, todos deveriam seguir as regras independente de serem clientes ou funcionários.

O mote do conto é que Vitor era portador de síndrome de Down. A empresa poderia dispensar o rapaz, mas ao invés disso o gerente concordou com ele. E essa atitude causou uma sensação de justiça entre todos que trabalhavam no local. A final, todos compartilhavam do mesmo sentimento que o Vitor porém faltava a coragem de se expressarem.

Um outro conto é sobre o Edmar que também tem síndrome de Down. Depois de já ter se adaptado ao emprego em um lava-rápido, mudou o comportamento repentinamente sem motivos aparentes. A equipe responsável por sua inclusão passou a tentar descobrir os motivos que levaram a mudança de comportamento. Foi descoberto que ele estava sentindo um forte desconforto por ter que usar um produto a base de uma tinta oleosa e escura que sujava sua mão de uma maneira tão forte que era impossível de ser completamente retirado.

Foi então que a empresa descobriu que todos os outros funcionários se sentiam da mesma maneira. E a boa notícia é que encontraram um novo produto que tinha o mesmo desempenho, mesmo custo e não causava desconforto nem no Edmar e nem nos demais funcionários do lava-jato.

Rubens Alves conta sobre o comportamento característico dos portadores de síndrome de Down. Eles têm a tendência de não aceitarem o que os incomoda. Diferente de crianças, ditas normais, que na escola são ensinadas a engolir todos conhecimentos, sendo úteis ou não.

A escola ensina as crianças a aceitarem todo e qualquer ensinamento, pois serão cobradas por ele. Ainda que o conhecimento desapareça após as avaliações, não deve existir revolta nem recusa em aprender e decorar os conteúdos. Crianças sem síndrome de Down perdem progressivamente a coragem de lutar e se recusam a aprender o que os seus corpos rejeitam. Aprendem a serem passivas, a decorar os conteúdos indigestos, reproduzi-los nas avaliações para instantaneamente vomitá-los.

Crianças são honestas consigo mesmas, mas a escola ensina-as a mentirem para si mesmas e para o mundo. Bom seria que não fosse retirado das crianças a essência corajosa dos portadores de síndrome de Down. Que não perdem a honestidade para com eles e para com o mundo, e nunca têm medo de dizer suas convicções sobre todas as coisas.

Com intenção de dar uma pausa na rotina de trabalhos, Rubem Alves resolveu pegar algumas ferramentas e materiais para construir uma estante nova. Quando estava se preparando para iniciar, foi interrompido pela faxineira que havia trazido a filha Dineia de sete anos para sua casa.

Ele esperava que a menina fosse preferir a companhia da mãe, mas ela escolheu observar o seu trabalho de carpinteiro. Começou a ficar curiosa e a questionar o nome e função de cada ferramenta. Ele explicou cuidadosamente o que sabia sobre cada pergunta.

Passado um tempo, a menina desapareceu. Ele imaginou que ela pudesse ter voltado para perto da mãe. Mas se enganou. A menina estava em sua biblioteca observando livros. Em poucos momentos retornou dizendo que haviam 3 livros de cabeça para baixo em uma das prateleiras. Ele então pediu que ela colocasse os livros como achasse melhor. Mais um tempo se passou e Dineia retornou informando que o livro 38 estava fora da sequência numérica correta na organização. Mais uma vez Rubem Alves autorizou a mudança de posição.

Durante esse episódio o autor refletiu na situação da menina. Imaginou como seria a realidade de toda essa experiência na escola. Ele avaliou Dineia como uma criança que não foi deformada pelo sistema educacional. Ele a compara com os adolescentes que já passaram pela escola e perderam o brilho nos olhos. Não acreditam na escola, não questionam mais. Aprendem com o objetivo de atingirem um percentual aceitável nas avaliações.

Em um período curto ele e a menina haviam explorado vários temas. Ele havia respondido perguntas que não planejara responder previamente em um conselho de classe. Havia dado espaço para a autonomia da menina de explorar o ambiente, opinar, intervir no que descobriu de errado. Rubem Alves critica a escola pela falta de espaço ao questionamento. Ele diz que o aprendizado baseado na decoreba e no vestibular não é o ideal pois é instantaneamente esquecido após utilizado.

Ele defende a curiosidade que estimula os questionamentos. Quando os questionamentos são respondidos, geram um conhecimento significativo. Essas respostas podem vir de uma outra pessoa ou podem ser desvendadas pela própria criança. Como representado na história. E esse conhecimento dificilmente será descartado ou esquecido.

3 Propostas para uma Educação Alvesiana

3.1 Sobre o afeto

Neste capítulo serão apresentadas as propostas de Rubem Alves para a educação. Desde suas experiências como aluno até tornar-se um especialista na área, o autor observou as falhas na educação tradicional e iniciou uma longa jornada na busca de práticas que pudessem auxiliar ou substituir as práticas que julgou serem incompletas ou inadequadas para o desenvolvimento dos alunos.

Ele conta sobre uma experiência que o levou a muitas reflexões. Ele conhecia um menino chamado Gui. Depois de um tempo sem encontra-lo, recebeu a notícia de que estava tendo problemas com a falta de aprovação da escola por conta do seu comportamento inquieto e suas notas baixas. O resultado disso foi um pedido de exames e acompanhamento psicológico.

Rubem Alves estranhou essas informações e foi verificar pessoalmente para tentar descobrir os motivos dessas situações. Ao encontrar-se com a criança, percebe um quadro de tristeza, apatia e uma linguagem que não corresponde ao seu vocabulário.

Quando questionado pelo motivo pelo qual não está se divertindo um pouco e o porquê da mudança de vocabulário, a resposta é de que precisa sempre estudar e de que a professora fala daquela maneira.

Aprendemos a gostar do que não gostamos porque alguém que amamos gosta daquilo que antes detestávamos. A escola poderia usar desse bom artifício para despertar o interesse do aluno sobre um conteúdo que ele não sinta afeição. Conquistar a simpatia e o afeto do aluno o aproxima da escola. Os benefícios são muitos.

Se o ambiente escolar é favorável a essa aproximação e desperta alegria e entusiasmo, é possível que haja um aumento de interesse na aprendizagem. O aluno tende a retribuir essa proximidade. Um mestre que causa admiração, amor, que valoriza a relação com o aluno e tem paixão pelo que faz, desperta o desejo do aluno de fazer parte desse universo que em volve o mestre. E ele passa a amar as Ciências.

O aprendizado que é baseado no amor e no afeto desperta no aluno o amor e prazer pela aprendizagem. Assim como o amor da mãe, citada no conto acima que se refletiu na escolha pela escola ideal para os seus filhos. Esse ambiente repleto de amor e afeto despertam a inteligência das crianças e assim elas aprendem com mais prazer.

Segundo o autor a aprendizagem é mais fácil através do afeto. A escola precisa despertar o amor pela aprendizagem. A escola rejeitada pela mãe estava propondo um sistema educacional cercado de restrições, obrigações e rigidez. A escola é um simulador do mundo.

O amor em suas diversidades desperta o desejo das crianças em aprender e conhecer. Assim a escola deve proporcionar o conhecimento com afeto para que a criança deseje e queira aprender.

3.2 Sobre o estímulo a inteligência

Rubem Alves explica que um burro pode ser forçado pelo dono a caminhar até o lugar onde deve beber água. Mas o dono jamais conseguirá obriga-lo a beber a água.

As vezes eu penso que o que as escolas fazem com as crianças é tentar forçá-las a beber a água que elas não querem beber. Bruno Bettelheim, um dos maiores educadores do século passado, dizia que os professores tentaram ensinar-lhe coisas que eles queriam ensinar, mas ele não queria aprender. Não aprendeu e, ainda por cima ficou com raiva. (ALVES, 2013, p. 26)

Levanta-se então o questionamento sobre o que as crianças querem saber. Será que as crianças sentem o desejo de aprender sobre algum assunto? Para responder a essa pergunta, Rubem Alves conversou com uma amiga professora que contou uma experiência interessante quando pediu que seus alunos escrevessem perguntas sobre o que realmente gostariam de aprender. Muitas perguntas foram escritas sobre diversos temas surpreendentes.

O autor afirma que a iniciativa é um fator importante para a aprendizagem. É através da iniciativa que a criança faz as perguntas e procura a solução para os seus questionamentos. A inteligência se revela através das perguntas. Se o ambiente escolar não favorece esse processo pode-se afirmar que a presença e permanência da criança na escola não significa que ela está aprendendo.

Os mundos das crianças são imensos! Sua sede não se mata bebendo a água de um mesmo ribeirão! Querem águas de rios, de lagos, de lagoas, de fontes, de minas, de chuvas de poças d'água. (ALVES, 2010, p. 27)

Quando criança, Rubem Alves tinha o sonho de comer as pitangas que davam no quintal do vizinho. Acontece que o pé de pitanga era muito alto impossibilitando-o de colher as frutinhas. Sendo assim, ele construiu uma geringonça que se constituía em um cabo de vassoura com uma lata pendurada. Resultado: uma tarde deliciosa de muitas pitangas e um sonho alcançado.

Ele diz que, para construir uma casa, primeiro é preciso sonhar com ela. É necessário sonhar com as suas formas e cores. Porém, sonhar com a casa, não sacia o desejo. Para alcançar o objetivo de ter a casa concretamente, para isso acionamos a inteligência. A inteligência é que nos permite, planejar, adquirir os materiais corretos e estudar as formas de materializar efetivamente o sonho.

Ele afirma que é impossível exigir uma inteligência sem base nos sonhos. O nosso país é a nossa casa. A escola é o lugar onde deveríamos auxiliar na formação do povo. Um povo sonhando junto com o melhor para a sua casa.

Rubem Alves compara a forma estrutural e o crescimento da cebola com o processo educacional dos alunos. A cebola nasce com um pequeno miolo central seguido por camadas que crescem sucessivamente seguindo sempre uma ordem e sem buracos. O autor compara o aluno ao miolo da cebola e o aprendizado as camadas que vão se acoplando. Não existem buracos porque somente o que é necessário passa a

formar uma nova camada. A camada número 10 nunca virá antes da camada número 2.

A cebola absorve do meio ambiente os nutrientes que lhe dão o necessário para formar as novas camadas e cresce até onde pode. O aluno absorve do sistema educacional aquilo que entende como necessário para o seu crescimento e desenvolvimento. Sem que isso esteja teoricamente claro para ele. Tudo o que aprende é fruto de uma escolha que julgou essencial.

O autor cita a história de uma professora universitária que já havia passado por diversas avaliações, incluindo obviamente o vestibular. Dentro do processo de aprendizagem foi ensinado a física com todas as suas particularidades como: volts, circuitos e motores. Certo dia estava em sua casa quando acabou a luz. O que fazer todo o conhecimento teórico? Eles não valiam nada naquele momento a professora se viu impotente.

Perguntou ao filho de 8 anos pelos fusíveis. O filho respondeu que não se usava mais fusíveis, agora era disjuntor. A mãe questiona se ele havia aprendido essa informação na escola e o menino responde que a escola não ensina essas coisas. Depois de instantes mexendo na caixa de ferramentas ligou novamente a luz e disse que havia aprendido as informações com o pai. A mãe havia aprendido a camada 10 porém as informações que ela precisava estavam em um buraco formado pela camada 2.

Partindo do princípio que o aluno se alimenta (aprende) do meio ambiente, Rubem Alves propõe a escola criar planos de aprendizagem baseado na casa. A casa é o principal meio ambiente da criança. Através dela pode-se levantar questionamentos e conhecimentos através de cada objeto.

Aula de ótica, física pode ser divertida quando se brinca com espelhos e lentes. A química fica mais saborosa se iniciada na cozinha observando o fogo, fascínio que desperta a imaginação. Observar a transformação das substâncias e das mudanças de estados físicos. A Geografia está no encanto da culinária de todo o mundo: italiana, chinesa, indiana, japonesa. Aprende-se o que e como se come em cada país e se descobre o próprio país.

O interesse natural da criança é querer conhecer o que está ao seu redor. Assim em casa, com a sua família, a criança irá perguntar ao pai qual era o brinquedo da sua época. São perguntas de História, Geografia, Ciências...fazendo a criança buscar as origens do seu miolo de cebola. É a descoberta da casa e das informações da família formando as camadas. O filho aprende com o pai e com tudo o que o pai aprendeu no passado.

Rubem Alves chama atenção para uma das matérias mais temidas, a Matemática. Ela está em tudo e é divertido aprendê-la quando se começa contando quantos passos damos daqui até ali, quantos ovos precisamos para o bolo da tarde, quantas moedas preciso guardar para comprar doce na quitanda.

E os sentidos aguçam para a Ciência quando sentimos dores de barriga e precisamos dos conhecimentos de higiene e saúde. A dor da queimadura nos faz entender o mecanismo de proteção do corpo em Biologia.

Rubem Alves acredita que o papel da educação é causar espanto. O espanto causa incomodo sobre um fato e isso leva a uma busca pelo conhecimento. Esse conhecimento desenvolve a inteligência. Ele conta que sempre ficou espantado com os

moluscos e estudou sobre eles por muito tempo. São criaturas assombrosas, despertam experiências místicas, e reflexões sobre o próprio homem. Ele explica que os moluscos têm o corpo mole e para compensarem essa fraqueza, instintivamente, constroem uma carapaça dura.

Homem e molusco tem corpo mole, frágil, que precisa de proteção. Ambos são construtivistas, com capacidade de construir conchas que os protejam. Mas o autor ressalta que a diferença entre molusco e homem, é que o homem não nasce com o conhecimento dentro de si. Ele precisa aprender como expandir seu corpo criando carapaças, proteções. Para isso o homem vai à escola para desenvolver e adquirir informações de como criar esses artifícios de compensação como: o computador, a faca, a escada... que servem como extensões do corpo. Complementos para seu corpo incompleto. Segundo Alves a "nossa inteligência é filha da nossa fraqueza."

Molusco não pensa, não questiona sobre como fazer uma concha, qual melhor material, tamanho ou cor. O homem tem inteligência para questionar até a necessidade do que está desenvolvendo. Molusco secreta dentro de si os materiais necessários para construir sua concha, enquanto o homem precisa buscar ao seu redor materiais e conhecimentos para construir.

Para formar suas ferramentas de extensão do corpo ele observa, experimenta e busca no seu ambiente os elementos que poderão servir para o seu experimento. Isso é a inteligência do homem, a capacidade de resolver uma necessidade comum a todos, em função daquilo que está disponível. A ferramenta inteligência se dispõe para manter o corpo, protege-lo e prolongá-lo no tempo. Inteligência é praticidade. Cria-se aquilo que há necessidade, o corpo não desperta a vontade da invenção daquilo que não necessita.

Assim ao ensinar, o professor precisa buscar formas de ensinar conhecimentos práticos, necessários para o corpo do aluno no momento e espaço que ele vive. Qual a razão do aluno aprender sobre iglus se mora em deserto? Cabe escola trabalhar com aquilo que o corpo sente falta. O aluno deve aprender aquilo que necessita, seja Matemática para os construtores ou música para os artistas. Cada homem, cada aluno, vai em busca da sua própria concha. Na escola seu corpo clamará para que aprenda somente aquilo que fará com que o corpo viva e sobreviva. A necessidade é a rainha que domina a inteligência, e o conhecimento é absorvido pela inteligência quando supre a necessidade do corpo humano que clama.

Currículos escolares devem ser pautados com base nas necessidades do aluno. Baseado no meio ambiente que o cerca. A casa é o universo conhecido que a criança constrói e descobre para amparar e suprir as necessidades de seu corpo, usando para isso sua inteligência.

Rubem Alves diz que uma concha causa espanto, e sua beleza desperta o cérebro. Quando observamos a concha não pensamos em moluscos, pensamos somente na concha, na bela concha. Isso demonstra que na natureza nem tudo precisa ser apenas útil pode haver beleza. A educação também pode ser bela e causar alegria.

O homem, assim como a natureza, não sente em seu corpo somente a necessidade de suprir sua sobrevivência ou criar algo útil. Ele cria sua concha, sua casa, mas não uma casa qualquer. Ela precisa ser bela e matematicamente perfeita.

A educação deveria seguir o caminho da natureza. Ensinar não somente para o corpo sobreviver, mas para sentir prazer e alegria. As artes são necessárias para que os alunos possam suprir dentro de si o que seu corpo pede, a beleza das conchas, a

alegria da natureza. Não é prático, não serve para ter uma casa maior melhor, serve para embelezar, para causar espanto e sensibilizar.

Assim deve ser o conhecimento escolar: útil e belo. Deve servir para o aluno construir sua concha e deixá-la bela. Assim é na natureza: utilidade e beleza. A escola deveria ensinar as crianças que, nós homens, somos parte dessa natureza que escolhe sempre a necessidade e a beleza.

3.3 Sobre casas e escolas que emburrecem e casas e escolas que favorecem a inteligência

Rubem Alves explica sobre equívoco ao nos referirmos sobre a inteligência no singular. Ele diz que existem várias inteligências. Segundo ele as inteligências são originadas pela genética. São desenvolvidas quando expostas aos meios externos. As inteligências são como sementes, com potencial para crescer. Porém se não forem adubadas, nunca deixarão de serem o que são: árvores em potencial. Precisam de estímulos para crescerem e se tornarem frondosas. Rubem Alves imagina o curriculum vitae de Leonardo Da Vinci sendo enviado para uma empresa.

Ao ler que o tal pretendente se dizia pintor, escultor, engenheiro, urbanista, inventor, fabricante de instrumentos musicais, filósofo, o pessoal dos recursos humanos teria logo jogado no lixo o seu currículo. O tal do "Da Vinci" só podia ser um doido. (ALVES, 2012, p. 138)

Em certa ocasião, Rubem Alves recebeu a carta de uma professora que estava preocupada com a forma com que suas aulas estavam sendo ministradas. Estava incomodada com a falta de interesse de seus alunos e não os culpava por isso. Queria entender as razões do desinteresse e modificar suas práticas. Ao invés de culpar os alunos, como é comum, ela tomou a responsabilidade para si.

Rubem Alves comparou o processo da aprendizagem com a alimentação. A alimentação começa com os olhos, é preciso que haja beleza para despertar o interesse. O corpo precisa estar saudável, se o corpo encontra-se doente vomita o alimento por estar impossibilitado de digeri-lo. A comida com boa aparência, diante de um corpo saudável precisa ter um bom sabor. Comida de gosto ruim é rejeitada na primeira garfada.

As crianças, naturalmente, sentem fome de conhecimento. Alimentam-se do que seus olhos observam e suas mãos tocam. Elas se interessam e aprendem com objetos porque podem ser manipulados. Os olhos de uma criança não são como os olhos de um adulto. Crianças olham e querem tocar. Para elas não há sentido em aprender e observar paisagens. Não têm a curiosidade despertada em aprender sobre coisas que moram somente na teoria e não podem ser tocadas e sentidas.

Porém na escola, precisam aprender sobre programas abstratos. Longe do toque e dos sentidos aparece o desinteresse. Como ter fome de algo que não se pode sentir o gosto? Crianças não sentem interesse em aprender sobre assuntos que não poderão ser utilizados pelo corpo como ferramenta. Ferramenta que não se usa é

descartada. Alimento sem gosto, que não fortalece o corpo é inútil, não abre o apetite, e acaba por ser jogado fora.

Para mim, esse é um princípio fundamental da aprendizagem: a fome de aprender acontece na fronteira entre o corpo e o ambiente. As crianças não se interessam por montanhas, lagos e florestas porque estão longe dos seus braços. Mas têm prazer em subir em árvores, apanhar frutas, descobrir ninhos. (ALVES, 2012, p. 85)

Rubem Alves diz que a burrice pode ser consequência de uma casa sem estímulos. A casa é o ambiente primário em que a criança se desenvolve. Se na casa onde a criança vive não se é possível tocar, bagunçar e experimentar. Não conseguirá descobrir e aprender. Casas sem objetos curiosos para se descobrir, sem livros a disposição para descobrir o mundo, são casas burras. As casas devem ter em todos os ambientes: livros, brinquedos, objetos e móveis que sejam desafios para o desenvolvimento da inteligência.

Certa ocasião, Rubem Alves estava lendo o estudo de um cientista com camundongos burros. Ele criou em laboratório camundongos mais burros que os camundongos de casa. Isso fez ele refletir sobre a importância da burrice para estabilidade política e social. Burrice é pensar sempre nas mesmas coisas, ainda que sejam pensamento grandiosos. Animais que pensam as mesmas coisas como abelhas e formigas sempre fazem tudo do mesmo jeito e por isso suas sociedades sobrevivem.

Quanto ao experimento dos camundongos que tinham inteligência inferior, quando colocados em situações intrigantes e desafiadores, suas inteligências se desenvolveriam como resposta ao ambiente. O mesmo conceito se aplica aos alunos na escola. O conhecimento deve ser colocado como um desafio do próprio ambiente, de forma que o corpo desenvolva através da inteligência. Ainda que a inteligência do aluno seja avaliada com alguma deficiência ela é capaz de fazer compensações dadas como respostas aos problemas impostos pelo ambiente.

Ambientes ricos de estímulos, suscitam o desenvolvimento da inteligência. Os camundongos burros colocados em uma gaiola cheia de estímulos, quando desafiados e comparados ao camundongos caseiros, eram agora mais inteligentes que estes. A inteligência de crianças com limitações de desenvolvimento, por questões genéticas, ambientais ou sociais, pode ser desenvolvida. Expostas a ambientes estimulantes e desafiadores, seu corpo desenvolverá sua inteligência.

Acho que foi Jaspers que disse que não precisava viajar porque todas as coisas dignas de serem conhecidas estavam na sua casa Jaspers viajava sem sair de casa. Mas há casas que são um tédio: lugar para dormir, tomar banho, comer, e ver televisão. Se é isso que é a casa, então, depois de dormir, tomar banho, comer e ver televisão. Não há mais o que fazer na casa, e o remédio é sair da gaiola tão chata e ir para outros lugares onde coisas interessantes podem ser encontradas. (ALVES, 2012, p. 90)

Em uma viagem para uma cidade chamada Faxinal do Céu, foi abordado por um menino que vendia salgadinhos. Comprou o salgadinho e conversou um pouco com o

menino. Saiu dali e foi conhecer a cidade melhor. Descobriu que o lugar era maravilhoso, com natureza vasta, onde havia a Universidade do Professor.

Depois de passar uns dias encontrou o menino novamente. Comprou mais uma vez o salgadinho e conversou mais um pouco. O menino contou que o pai estava desempregado e a mãe doente. Para ajudar a família ele saía todos os dias com um largo sorriso oferecendo seus produtos. Ele disse que gostava de estudar e não aparentava tristeza ou qualquer desconforto com a sua situação. Aprendeu a tirar o sustento dos salgadinhos e a sonhar com um futuro melhor.

"Pensei nele como uma criança que tem o direito de ser feliz. Que tem o direito de ver florescer as inteligências que moram nele com sementes. Pensei, como educador, nas inteligências perdidas – milhares, milhões de sementes que nunca serão plantadas, inteligências que nunca verão o mundo, que nunca brincarão com as coisas. E, no entanto, elas estão lá, nas crianças. (Ibidem, p. 142)

Ele reflete então sobre as inteligências que em muitas crianças nunca serão desenvolvidas por falta de estímulo e oportunidade.

3.4 Sobre o prazer da leitura

Rubem Alves compara o processo da alfabetização com o aprendizado em música. A escola tem a alfabetização como o processo de iniciar a criança na leitura. Reconhecendo letras, sílabas, palavras, frases até formar o texto. Através das repetições a escola acredita que o ideal é o aprendizado das partes para depois formar o todo. O caminho que leva ao aprendizado da música é o contrário, aprende-se o todo ouvindo as músicas, melodias e sons. Depois aprende-se as partes que formam o melodioso todo.

A mãe pega o nenezinho e o embala, cantando uma canção de ninar. E o nenezinho entende a canção. O que o nenezinho ouve é a música, e não cada nota separadamente. E a evidencia da sua compreensão está no fato de que ele se tranquiliza e dorme – mesmo nada sabendo sobre notas. (ALVES, 2012 p. 40)

O autor acredita que deveria acontecer o mesmo processo com a aprendizagem da leitura. Primeiro vem o todo: ouvir a história contada, a leitura intermediada, a curiosidade no processo e o desejo pelo texto lido. Aos poucos a criança busca por si mesma, movida pela curiosidade, os significados das sílabas, palavras e frases. Surgindo assim, a busca do interesse por descobrir o texto tantas vezes ouvido e aprendendo até que não precise mais de um mediador entre ele e a leitura.

Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto se apossa do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica, se ele luta com as

palavras, se ele não desliza sobre elas – a leitura não produz prazer: queremos que ela termine logo. (ALVES, 2012, p. 43)

São dois métodos de introdução a leitura, um impõe a repetição e a decoreba, outro seduz e desperta o desejo. Para ter o desejo despertado, a leitura deve ser fluída, artística, o professor deve ler com possessão, imerso nas palavras. Dessa maneira, o aluno tão sensível a beleza e novidade receberá o aprendizado de modo a nunca se esquecer dele.

Rubem Alves diz que gostava de ler antes mesmo de saber ler. Sentia-se como os personagens e através do livro viajava para lugares diferentes. Ele lembra-se especialmente de um livro de figuras, com gravuras recortadas de revistas. Diz que gostava de Jeca-tatu do Monteiro Lobato. Gostava tanto que sabia de cor, de coração com amor. Outro livro que amava era que pertencia a mãe, muito antigo, do início do século XX. Continha figuras sobre povos do mundo todo, com pequenas explicações sobre cada lugar. A gravura que mais lhe interessava era de um menino e uma menina montando um jardim. Um pequeno cenário com montanhas de areia, um lago, um riachinho, floretas de pequenas plantas e musgos. Não se continha ao ver o jardim, e ia para horta fazer um jardim igual. Usando galhos para fazer a floresta.

Existem os sonhos fundamentais, sonhos universais que todas as pessoas têm. Através desses sonhos fundamentais as pessoas têm comunhão e se tornam como irmãos. Um desses sonhos em comum são os jardins, colocados pelos homens por Deus. Ele diz que os sonhos, quando não realizados, tornam-se tormentos, tristezas e dores que tomam conta da alma. Para ele, isso é o jardim que está dentro da alma e não consegue nascer.

Quando era menino, o jardim era seu lugar preferido. Dentro de casa os adultos vigiavam e criavam proibições, limitações. No jardim ele sentia ser ele mesmo. Sua liberdade estava ao seu alcance.

Ele diz que Deus se cansou dos céus, sonhou com o jardim e o criou. É assim também com a crianças, elas não se satisfazem e sonham com algo diferente e criam. Quando criam aquilo que sonharam, as crianças se sentem felizes.

3.5 Sobre os brinquedos

Rubem Alves diz que as escolas deveriam utilizar os brinquedos como forma de aprendizagem. Ele explica que o desafio de fazer o brinquedo funcionar, aguça a curiosidade levando a tentativas, tudo isso auxilia no desenvolvimento das funções cognitivas.

Os brinquedos dão prazer. Os brinquedos fazem pensar. Pergunto: o que é que faz com que o ioiô vá para baixo ou para cima? E o que dizer dos quebra-cabeças? Quantas funções intelectuais altamente abstratas entram em jogo enquanto se monta um quebra-cabeça! (ALVES, 2010, p. 31)

Brinquedos como: balanço, pipa, corda, bola de sabão, pião...são exemplos positivos e acessíveis. Para funcionarem, exigem habilidades específicas como:

coordenação motora, inteligência espacial, autonomia e maturidade emocional para lidar com as frustrações de nem sempre alcançar os objetivos instantaneamente...O autor afirma que através dos brinquedos, a inteligência pode ser estimulada e desenvolvida.

Aí vi que crianças de qualquer parte do mundo podem se entender porque os brinquedos, como a música, são uma linguagem universal que não necessita de palavras. Os jogadores de xadrez jogam xadrez mesmo se falam línguas diferentes. Crianças de países diferentes podem, juntas, armar quebra-cabeças, jogar pião, empinar pipas, pular corda... (Ibidem p. 30)

Na lei da utilidade o que é inútil deve ser descartado, e o mais útil é substituído pelo menos útil. Quer sejam pessoas, ferramentas, objetos. Se forem úteis são mantidos, se não forem necessários são descartados.

Rubem Alves reflete sobre a valorização da utilidade humana. Quando um adulto vai se casar, é avaliado como bom cônjuge segundo suas utilidades. Precisa ser trabalhador, organizado, capaz de cuidar da casa e dos filhos.

Em certa ocasião o autor foi discursar para idosos em um asilo. Ele exaltou a liberdade dos idosos por darem-se ao luxo de serem como os brinquedos, inúteis. Os idosos não entenderam, e quiseram demonstrar suas utilidades. Mas ele exaltava a ideia de que todos fossem como brinquedos. Inúteis sim.

Pensaram que fosse xingamento, ofensa. E trataram cada um de me explicar a sua utilidade. E exigiram ser colocados na caixa de coisas úteis, onde estavam a vassoura, o papel higiênico e o serrote. Mas eu só queria que eles fossem colocados no mesmo baú onde estavam os brinquedos. (ALVES, 2012, p. 158)

Ele diz que as crianças podem ser comparadas aos brinquedos. Inúteis. Úteis são objetos como panela, escada, barco, computador, e dedos que digitam a palavras que vão no pensamento. Ele diz que as crianças são brinquedos criados por Deus. E no Céu, só entram aqueles que nasceram de novo. Aqueles que se tornaram crianças. Não importa suas boas obras. Para entrar no céu é preciso saber brincar.

Fez isso não por não gostar deles, mas por medida preventiva: sabia que qualquer Paraíso vira inferno quando um adulto entra lá. Agora, para entrar outra vez no paraíso, é preciso nascer de novo vira criança. (ALVES, 2012, p. 160)

3.6 Sobre a importância do olhar

Os olhos das crianças são naturalmente aguçados, voltados para descobertas. Essa característica natural deve ser utilizada pela escola. O olhar é revelado pelo rosto, pela expressão facial. Os olhos por eles mesmos não expressam nada sobre o que olharam, mas o rosto expressa o olhar.

A proposta para o sistema educacional é de que se traga para escola uma sensação de descoberta, encantamento parecida com a dos bebês ou das crianças quando estão descobrindo o mundo. O êxtase do novo, deve acompanhar as crianças em seu desenvolvimento escolar, assim como as acompanha em seu desenvolvimento individual.

A criança inicia seus aprendizados com as trocas de olhares com a mãe. Desde bem pequena aprende a decifrar os tipos de olhares e os sentimentos por trás deles. O olhar do pai e da mãe podem incentivar a criança nos primeiros passos onde, palavras, teoria e práticas não podem ser ensinados.

É o desejo que a criança ande, desejo que assume forma sensível no rosto da mãe ou do pai, que incita a criança no aprendizado dessa coisa que não pode ser ensinada nem por exemplos, nem por palavras. Os educadores acadêmicos dirão que isso é piegas, romântico – não é científico. É verdade. O que eu disse não pode ser dito cientificamente. Só poeticamente. (ALVES. 2012 p. 37)

A escola nem sempre terá sucesso no ensino das letras ou números. Porém cabe-lhe o papel de olhar com incentivo, de instigar o andar com as próprias pernas, de incentivar a aprendizagem daquilo que causa curiosidade. O olhar do professor tem o poder de incentivar ou inibir. A criança é sensível ao olhar que a observa. Aqueles olhares que demonstram a pressão pelos resultados, que vigiam o aprendizado, não causam sensação de conforto, apenas suscita o medo e a opressão

Sob essa prática destrutiva a escola acaba inibindo o fascínio na descoberta do aprendizado, porque antes mesmo de começar a aprender, a criança se vê vigiada. Sem surpresas, sem descobertas, com expectativa para o cumprimento de metas e com uma grande quantidade de conteúdos a serem aprendidos, morre na criança a vontade de aprender e morre a emoção do novo.

Resta a obrigação de responder aos olhares de pais, professores, burocratas e sociedade. A obrigação de saber mais que seu vizinho, de aprender mais que os colegas de classe, de atingir todas as expectativas. Não há nada de interessante em ir para escola. Apenas o velho conhecido, a expectativa de quem observa e oprime o vigiado.

A aprendizagem da criança, deriva diretamente do olhar do professor. Se há um olhar de punição e pressão, a criança responde com olhar distraído de medo, terror e vazio. Sendo assim fica cega para a descoberta, para a fascinante aventura de aprender. Procura-se em psicólogos, médicos e terapeutas a explicação da doença de cognição “diagnosticada”, quando na maioria das vezes o que falta é um olhar incentivador de apoio, que demonstre para a criança que aprender é prazer e não punição.

Acontece que, como disse Bernardo Soares, o fato é que somos incuravelmente românticos! Assim sendo a educação uma coisa romântica (não consigo pensar em uma criança sem ternura), eu lhe digo: “Professor: trate de prestar atenção no seu olhar. Ele é mais importante que seus planos de aula. O olhar tem o poder para despertar e para intimidar a inteligência. O olhar é um poder bruxo!” (ALVES, 2012, p. 37)

Rubem Alves descreve uma fotografia simples: duas mãos dadas, uma grande e uma pequena rechonchuda e a imaginação preenchendo o resto da foto. Podem concluir que é um pai apresentando o mundo para o filho. A imaginação também pode acreditar que ele está apontando objetos e locais ao redor.

Isso é natural. Crianças nunca estiveram no mundo, por isso tudo é novidade. O olhar observa o que nunca viu. Curioso, vai aprendendo com o pai o nome das coisas e tudo vai se tornando familiar. Assim são os adultos, conduzem os pequenos que se tornarão adultos e orientarão outros pequenos.

O autor reflete sobre criança que aprende sem adultos, e sobre adultos que viveram sem aprender e tiveram de errar para acertar. Todas as descobertas de plantas medicinais, construções diversas, caminhos no mar, palitos de fósforo, foram processos de erro e acerto que crianças-adultos aprenderam para então ensinar.

Assim acontece na sociedade, os adultos educam as crianças, ensinam aquilo que sabem, transmitem todo conhecimento que durante anos foram descobertos e aprendidos. A criança é educada para crescer, se tornar adulto, saber sobre as coisas e deixar enfim de precisar de uma mão grande para guiá-lo. Educação é o processo de transformar uma criança, que precisa de uma mão para ser guiada, em um adulto que saberá seguir sozinho.

Rubem Alves cita a crítica de Paulo Freire ao ensino bancário, em que os conhecimentos são depositados nas crianças como o objetivo de se acumular saberes suficientes para ser um adulto útil. As pedagogias sequestram essa prática: guiar a criança que não sabe o caminho. Pois entende-se que elas nascem sem qualquer tipo de informação e precisam de adultos e professores para aprenderem o que não sabem.

O que Rubens Alves afirma é justamente o contrário: as crianças é que deveriam ensinar, e os adultos aprender. As crianças enxergam aquilo que os adultos não podem ver. Crianças tem o olhar de espanto. Ensinam os adultos sobre o eterno sentimento de descobrir o mundo pela primeira vez. Os adultos de tanto verem, se tornam cegos. Conhecem tanto sobre o que veem que passam a não enxergar. Precisam das crianças para redescobrirem o mundo.

Por que o contrário seria dizer que as crianças devem ensinar os adultos. Mas nesse caso, as crianças teriam um saber que os adultos não têm. Se já tiveram, perderam... Mas quem levaria a sério tal hipótese? Pois o Natal é essa absurda inversão pedagógica: os grandes aprendendo dos pequenos. (ALVES, 2012 p.167)

O segredo dos sábios é não agirem como os cientistas e filósofos: indo da direita para esquerda, mas agindo pelo avesso. As posições estão invertidas. As crianças são os mestres e os adultos os alunos. É preciso deixar de ser cego, é preciso voltar a ver o mundo. Para isso acontecer é preciso aprender com as crianças o sentimento contínuo de descoberta e do espanto.

4 Conclusão

Apreendi com essa monografia muitas coisas a respeito da concepção pedagógica de Rubem Alves que está diluída em boa parte de sua obra e que não segue a linha dos compêndios dos livros didáticos sobre educação. O filósofo me ensinou que podemos perceber com alegria prazer e principalmente vivenciarmos o processo de busca do conhecimento partir de nossos desejos.

Como educadora pude refletir sobre diversas práticas que acontecem diariamente nas minhas experiências em sala. Existe um trecho no trabalho onde me comovi ao falar sobre o olhar do professor. Quantas vezes o meu olhar incentivou meus alunos? As vezes quando passo uma atividade gosto de ir passeando pelas mesas para acompanhar o desenvolvimento. É comum que, enquanto olho para as folhas em cima da mesa, encontre os olhinhos deles olhando pra mim e perguntando: "tá certo tia?". As vezes a pergunta não é feita, acredito que o meu olhar responda a curiosidade por si só. Percebi a importância de olhar sempre com amor e incentivo.

O que para mim ainda é um fato curioso, mesmo já tendo sido respondido teoricamente, é o fato da intensa pressão dos pais sobre os filhos. Trabalho em uma escola particular e lá encontro pais que se preocupam muito com o vestibular. Achem incrível quando a dona da escola afirma que os objetivos pedagógicos são voltados para os exames futuros. Vale lembrar que a faixa etária dos meus alunos gira em torno dos 6 anos.

Os relatos dos alunos por muitas vezes me incentivaram a chamar os pais para conversas na escola. São pais muito preocupados com a disciplina de estudos dos filhos em casa. Essas cobranças envolvem horas de castigo, privações em frequentar a praça ou a casa dos coleguinhas. O motivo? A preguiça e a falta de interesse da criança pelos deveres de casa da escola, adicionados as atividades de reforço de uma explicadora diariamente. Preciso lembrar a eles a pouca idade dos filhos e as necessidades do desenvolvimento deles. Falo sobre a importância do tempo livre, do descanso e do perigo que envolve a sobrecarga de tarefas escolares. Sinto que, para me agradar, muitos concordam. Mas as reclamações dos meus alunos continuam.

O futuro é algo que perturba os pais. Eles ficam receosos de não proporcionarem uma educação rígida e depois serem cobrados por isso. Acreditam que quanto mais cedo os filhos forem testados e submetidos a um tempo excessivo com atividades escolares, o sucesso é garantido. Durante o desenvolvimento desse trabalho fui percebendo muitas situações vivenciadas na escola e a reflexão em algumas práticas foi instantânea.

A escola onde trabalho preocupa-se muito com os projetos pedagógicos. Ainda que estes sirvam apenas de vitrine de propaganda para o ingresso de novos alunos. Quando levamos propostas de temas e conteúdos para novos projetos, a análise e aprovação é feita segundo os interesses de exposição. Certa vez desenvolvemos um projeto sobre profissões. Pedimos a participação dos responsáveis. Eles deveriam contar sobre a atividade que exerciam e, se possível, levassem algum objeto utilizado no dia a dia. Tivemos menos responsáveis do que imaginávamos. Os pais estão muito ocupados e não conseguem ir a escola para participarem das atividades. Depois do expediente fui chamada

a sala da direção. Lá me questionaram sobre a participação de uma mãe que levou uma vassoura para representar a atividade de Gari. Disseram que eu poderia ter feito uma

espécie de seleção e não necessariamente ter convidado todos para participar. Contaram sobre o receio que tinham de serem questionados pelos demais responsáveis que poderiam avaliar isso como um incentivo da escola para a escolha futura dos alunos para tal profissão. Expliquei que isso não estava no planejamento e saí pasma!

Aprendi que a vida do educador e de seus discípulos são ligados por laços de amor. Através da afetividade professor e aluno se conectam descobrindo universos que não estão presentes em livros e computadores. As experiências sobre a vida estão além das Ciências e das exatidões. A primeira tarefa da educação é ensinar a ver, encher os olhos com todas as coisas assombrosas que despertam o sorriso em cada um. O educador aponta, contempla, sorri e observa seus discípulos observando e sorrindo também. A natureza deve parecer assombrosa, a visão deve ser educada para enxergar o que está a sua volta.

O papel do educador é ensinar a olhar com assombro encontrando a alegria nos olhos dos discípulos. As crianças quando assombradas descobrem novidades no mundo ao seu redor que as espanta e as fazem sorrir. Porém não basta ver, crianças buscam a razão e o entendimento sobre o que veem. O olhar desperta o pensamento e o questionamento. O desejo de entender, a curiosidade, a inteligência, que só podem ser despertadas pelo assombro. Educar é assombrar os olhos, pensar e desejar refletir sobre o que vê.

Darwin e Copernico, espantaram-se com elementos visíveis na natureza. Depois pensaram nas explicações invisíveis sobre ela. Achei interessante a ideia de que o mundo precisa ser deformado. Jardim, bicicleta, moqueca, e todos objetos criados pelo mundo são deformados pelo homem após se espantarem com o mundo natural. Assim entendi que a educação deve ensinar a arte de assombrar, pensar e criar. Isso é deformar, inventar, despertar a não conformidade com o que nos rodeia. Fazer surgir a natureza através do que ela fornece. Através da inteligência surgem novos elementos que resolvem problemas e atendem a desejos. Ver pensar e inventar são as brincadeiras do corpo.

O esquimó vive cercado por elementos brancos. Para sua sobrevivência ele precisa distinguir os tons de branco e fazer isso com maestria. As nuances da cor branca podem ser percebidas através da silhueta de um urso polar ou um gelo que se desprende e flutua nas proximidades. Assim surge o conhecimento. A inteligência é uma resposta a problemas vitais e práticos. O homem estuda e conhece aquilo que precisa resolver, aquilo que é preciso desproblematizar.

O corpo carrega duas caixas: em uma mão brinquedos e na outra ferramentas. Na caixa com as ferramentas estão os objetos necessários, uteis e indispensáveis para sobrevivência. Os objetos concretos: facas, bicicletas, panelas. E elementos abstratos como: teorias científicas e Matemática. Na caixa dos brinquedos estão objetos inúteis, usados para o prazer e a alegria que produzem: música, arte, dança, culinária, poesia, Literatura.

Nós adultos, priorizamos a caixa de ferramentas, sobrevivemos sem alegria, nos tornamos brutos, pois o conhecimento sem alegria e prazer embrutece. A vida fica sem sentido mais se sobrevive. Mas o homem que utiliza somente a caixa de brinquedos, apesar de estar cheia de prazeres e alegrias, torna-se fraco. Não sobrevive.

A sabedoria é usar as duas caixas. Sábio é quem planta a horta para sobreviver e o jardim para se alegrar. A tarefa do educador é justamente auxiliar os discípulos a montar caixa de brinquedos e caixas de ferramentas. Rubem Alves diz que seu sonho

é ver escolas que ensinem sobre as duas caixas. Segundo ele a escola, hoje não ensina a brincar. Ele diz que: "Talvez seja necessário ver, pensar e inventar uma escola diferente. Esse é o meu sonho!" ALVES, 2012, p.9

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. o fim dos vestibulares. 13º edição. Campinas-SP: Papirus, 2013

ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. 12º edição. Campinas-SP: Papirus, 2010

ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. 9º edição. Campinas-SP: Papirus, 2012

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3º edição. Campinas-SP: Papirus, 1994

SCOFANO, Reuber Gerbassi. Iluminação e Desaprendizagem: A Pedagogia Lúdica de Rubem Alves, Tese de Doutorado publicada pelo Programa Pós Graduação em Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002

ALVES, Rubem *O sapo que queria ser príncipe*. 2º edição. São Paulo-SP: Planeta, 2009

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérolas*. 9º edição. Campinas-SP: Papirus, 2008

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 10º edição. Campinas-SP: Verus, 2005

ALVES, Rubem. *Ao professor com o meu carinho*. 4º edição. Campinas-SP: Verus, 2004

ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino*. 2º edição. São Paulo-SP: Planeta, 2014

ALVES, Rubem. *Pensamentos que penso quando não estou pensando*. 3º edição. Campinas-SP: Papirus, 2012

ALVES, Rubem. *Quer que eu lhe conte uma estória?* 2º edição. Campinas-SP: Papirus, 2010

ALVES, Rubem, *Desfiz 75 anos*. 2º edição. Campinas-SP: Papirus, 2012

